

# wookacontece

Gratuita  
Bianual  
Abril 2024  
Número 11



**Entrevistas exclusivas**  
Sérgio Godinho  
Lídia Jorge

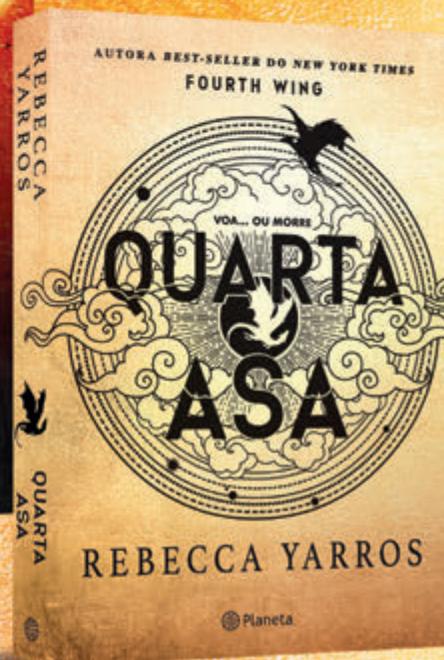
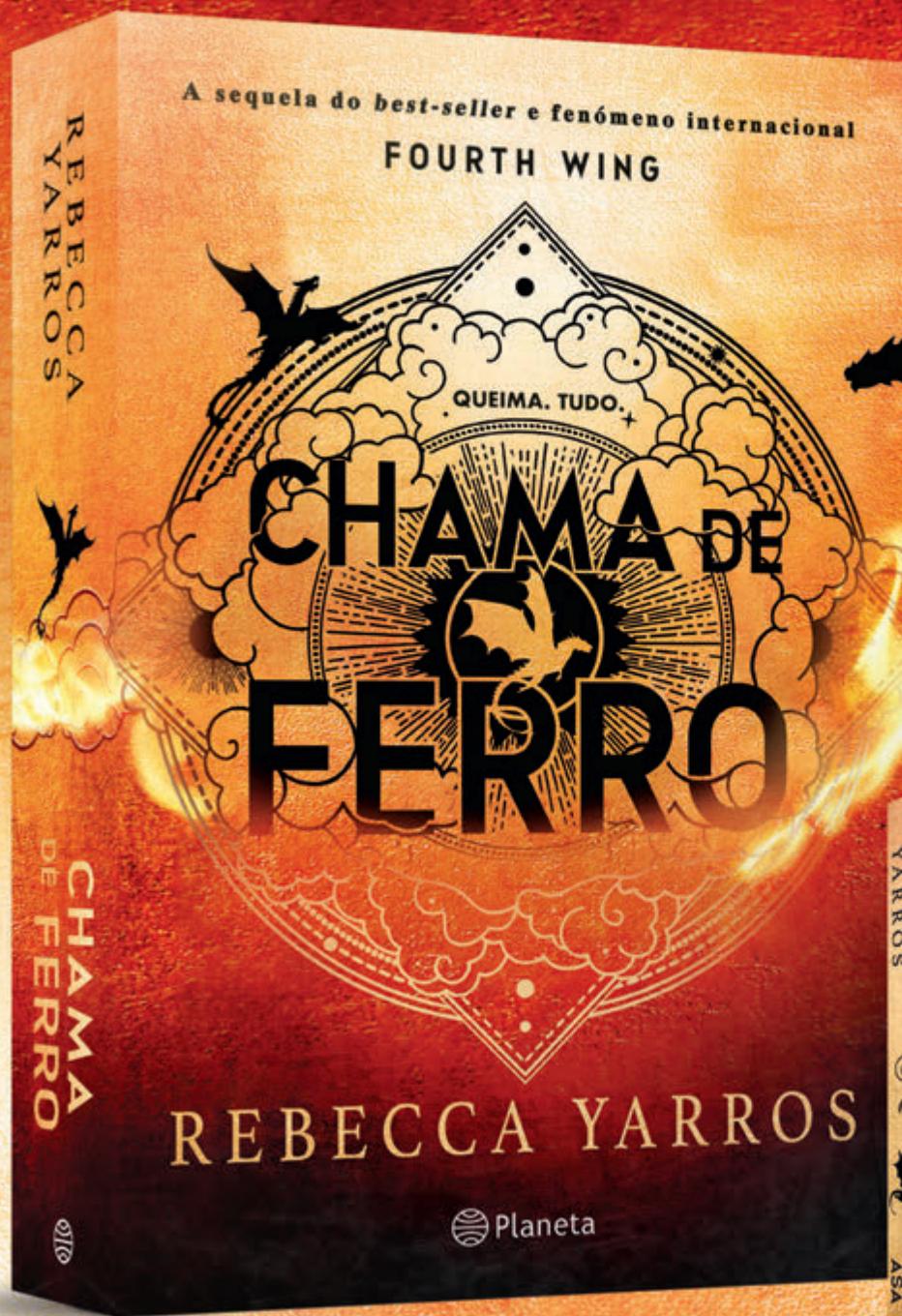
**Novidades**  
Wook vamos ler  
esta primavera

**O 25 de Abril  
já não é bebé!**  
Manuel S. Fonseca



wook

Depois do sucesso de *Quarta Asa*,  
o fenômeno internacional  
de que todos falam está de volta





## 24 Entrevista Sérgio Godinho

---

2 Wook vamos ler...  
**esta primavera**

---

20 **O 25 de Abril  
já não é bebé!**  
Manuel S. Fonseca

---

10 **Romantasy**

---

30 Entrevista  
**Lídia Jorge**

---

12 **Memoráveis páginas  
de Abril**

---

34 Wook se escreve  
na **Coreia do Sul**

---

16 **Livros Cruzados**

---

38 *J'ai été*  
**Madame Bovary**

---

17 **Feng Shui**  
Um guia para atrair  
boa sorte

---

40 Um poema inédito de  
**João Luís Barreto  
Guimarães**

# WOOK VAMOS LER... ESTA PRIMAVERA

## Literatura



### Vemo-nos em Agosto

Gabriel García Márquez

Todos os anos, a 16 de agosto, Ana Magdalena Bach visita sozinha a ilha onde a mãe está enterrada. Estas viagens acabam por ser um convite irresistível para se tornar uma pessoa diferente durante uma noite. Com um estilo inconfundível, e no ano em que se assinalam dez anos da sua morte, o último livro de García Márquez é um hino à vida, ao desejo feminino e à resistência do prazer apesar da passagem do tempo.



### Uma Brancura Luminosa

Jon Fosse

Um homem conduz sem destino, até que chega ao final da estrada na orla de uma floresta e o seu carro fica atolado. Em vez de ir à procura de ajuda, o homem aventura-se na floresta escura. Perde-se, quase morre de frio e de cansaço, envolto numa impenetrável escuridão. É então que surge, de repente, uma luz. Inquietante e comovente, esta breve história é a introdução perfeita à obra de Fosse, o mais recente galardoado com o Prémio Nobel da Literatura.



### Deus na Escuridão

Valter Hugo Mãe

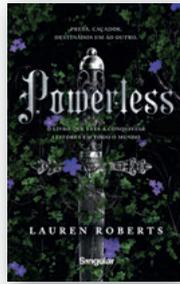
Depois de *As Doenças do Brasil*, Valter Hugo Mãe regressa ao romance com uma história passada na ilha da Madeira. Profundo e delicado, *Deus na Escuridão* gira em volta de dois irmãos, Felicíssimo e Pouquinho, e da necessidade de cuidar de alguém. Podem os irmãos amar como as mães, que por sua vez, amam como Deus? Um livro que não deixa nenhum leitor indiferente, em que se exploram ideias de amor, lealdade e resiliência.



## Romancista como Vocação

Haruki Murakami

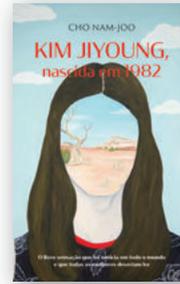
Existirá alguém mais qualificado para falar sobre a arte do romance do que Haruki Murakami? Num livro fascinante, o autor japonês partilha com os leitores a sua visão sobre o processo criativo e o ofício da escrita. Do papel do romance na nossa sociedade às suas origens como escritor, o autor de *Kafka à Beira-Mar* reflete sobre o que inspira a sua criatividade, mas também a dos outros escritores, artistas e músicos.



## Powerless

Lauren Roberts

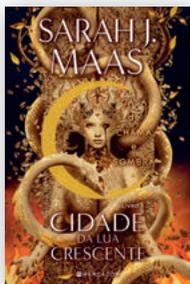
O reino de Ilya está dividido entre os que têm poderes, os Elites, e os Vulgares, afastados da sociedade. Paedyn Gray faz-se passar por uma Elite, mas quando salva Kai Azer, um dos príncipes de Ilya, sem suspeitar de quem se trata, vê-se atirada para as Provas da Purga, uma competição brutal. Se as provas não a matarem, o príncipe que salvou acabará por fazê-lo quando perceber que ela não é quem diz ser. Mas antes disso tem de resistir à vontade que sente de a beijar...



## Kim Jiyoung, Nascida em 1982

Cho Nam-joo

O *bestseller* coreano que se tornou um dos livros mais falados dos últimos anos. Quem é Kim Jiyoung? Uma menina nascida de uma mãe cujos sogros queriam um menino. Uma filha cujo pai a culpa quando ela é assediada na rua. Uma funcionária modelo que nunca consegue uma promoção. Uma esposa que abdica da sua independência por uma vida doméstica. Kim Jiyoung é todas as mulheres.



## Casa de Chama e Sombra

Sarah J. Maas

Preso num mundo estranho, Bryce precisará de usar toda a sua inteligência para voltar para casa e não será uma tarefa fácil, porque não sabe em quem pode confiar. Enquanto isso, Hunt está trancado nas masmorras de Asteri, sem saber o paradeiro de Bryce. O aguardado terceiro volume da série *Cidade da Lua Crescente*, que se cruza com o mundo de *Corte de Espinhos e Rosas*, promete muitas revelações e reviravoltas inesperadas.



## Rivals Divinos

Rebecca Ross

Após séculos adormecidos, os deuses estão em guerra novamente... Mas tudo aquilo que Iris quer é manter a sua família em segurança. Quando as cartas que escreve ao seu irmão vão parar às mãos de Roman, o seu insensível e fascinante rival na redação do jornal onde ambos trabalham, uma inesperada ligação mágica forma-se entre os dois, arrastando-os até ao centro de uma batalha épica em nome da vida, do amor e do futuro da Humanidade.



## Noiva

Ali Hazelwood

A estreia da autora de *A Hipótese do Amor* no romance sobrenatural. Misery Lark, a filha do vampiro mais poderoso do Sudoeste, fugiu. Mas os seus dias a viver entre humanos estão a acabar-se, quando é convocada para preservar a aliança de paz entre os vampiros e os seus inimigos mortais, os lobisomens. É assim que acaba noiva de Lowe Moreland, um lobisomem que, com razão, não confia nela. Este casamento tem tudo para acabar às dentadas!



## Proposta Irrecusável

T. L. Swan

Tristan Miles é arrogante, poderoso e consegue tudo o que quer. Mas pode ter acabado de encontrar uma adversária à altura. Claire Anderson, viúva e mãe de três filhos, já se recusou a vender-lhe a empresa e tenciona continuar a rejeitar as suas propostas... mesmo quando elas passam do campo profissional para o romance. Uma história que vai do amor ao ódio em segundos, no irresistível segundo volume da série *Miles High Club*.



## Throttled

Lauren Asher

Noah Slade está a caminho de se tornar uma lenda na Fórmula 1: focado, inacessível e implacável, dentro e fora da pista. Maya é uma tentação proibida. A irmã do seu rival é ambiciosa, decidida e tudo o que ele mais quer. Juntos são uma bomba-relógio prestes a detonar. Mas, nesta corrida de luxúria e sedução, só pode existir um vencedor! Da autora de *Termos e Condições*, uma nova série que promete acelerar corações.



## Rei do Orgulho

Ana Huang

Reservado, contido e perfeccionista, Kai não tem tempo para distrações. Mas Isabella está por todo o lado e ele não se consegue afastar, mesmo que isso lhe custe tudo. Ela é o seu oposto... e a maior tentação que alguma vez sentiu. Estarão ambos dispostos a enfrentar o mundo e as expectativas das suas famílias para ficarem juntos? Depois de o *Rei da Ira*, o esperado segundo volume da série *Kings of Sin*.



## Hooked

Emily McIntire

James tem apenas um objetivo: acabar de vez com Peter Michaels. Quando, Wendy, a filha do seu inimigo, cruza as portas do seu bar, James reconhece a oportunidade: irá seduzi-la e servir-se dela na sua vingança. Parece um plano perfeito. Até que Wendy se torna muito mais do que um mero peão no seu jogo. Ele deseja vingança, mas deseja-a ainda mais a ela. Perverso e ousado, *Hooked* pode ter sido inspirado na história de Peter Pan, mas este não é um conto de fadas!

## Não Ficção



## Intoxicação Digital

Augusto Cury

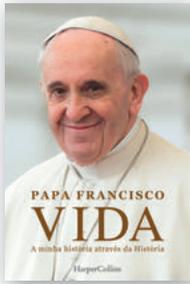
O mundo digital trouxe inegáveis vantagens como a democratização do acesso à informação e a facilidade de comunicação, mas a massificação da utilização de meios digitais de forma intensa acarreta também problemas graves ao cérebro humano, de acordo com Augusto Cury. Psiquiatra, psicoterapeuta, cientista e escritor, Cury alerta para os perigos da dependência digital e para a necessidade de resgarmos a nossa saúde mental e emocional.



## Tudo o que se Passa Aqui Dentro

Mariana Caldeira

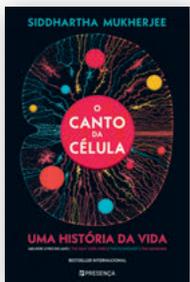
Nem sempre a família é ou pode ser um abrigo seguro para a saúde emocional e não é fácil assumir que temos um relacionamento tóxico com as pessoas mais importantes da nossa vida. Neste livro, Mariana Caldeira, psicóloga clínica, apresenta vários exemplos e exercícios práticos para recuperar o bem-estar emocional e assumir as rédeas da vida.



## Vida – A Minha História Através da História

**Papa Francisco**

Nesta autobiografia, o Papa Francisco faz um paralelo entre a sua vida e os principais acontecimentos históricos dos últimos 80 anos. As recordações de infância na Argentina, os namoros de juventude, a ditadura militar e a vida sacerdotal são revisitados num livro que, partindo da sua vida, nos ajuda a compreender melhor o seu pensamento e as suas principais decisões. Uma génese das ideias audazes que definem o presente pontificado.



## O Canto da Célula

**Siddhartha Mukherjee**

Siddhartha Mukherjee, vencedor do Pulitzer, apresenta-nos uma história da vida através de uma fantástica investigação ao centro do universo celular. Contada magistralmente com recurso à sua experiência de médico e escritor, o autor leva-nos numa viagem pelas inovadoras técnicas de manipulação celular, uma das maiores revoluções da medicina.

## Para cuidar de si



## Deixemo-nos de Tretas

**Conceição Calhau**

Quando somos bombardeados com conselhos sobre alimentação "saudável", Conceição Calhau tem o antídoto perfeito. Desmistificando muitas teorias sobre a alimentação saudável e dietas milagrosas, a nutricionista esclarece as grandes dúvidas sobre este mundo tão confuso.



## O que a Skin Quer

**Cátia Vilas Boas**

Cuidar da pele é um ato de amor, e este livro é o mimo que tanto queria. A pele pode ser um órgão complexo e requer cuidados específicos consoante o seu tipo. Cátia Vilas Boas ajuda-o a compreender o que a sua pele precisa e a implementar uma rotina de cuidados específicos para si. Descubra ainda qual o seu tipo de pele com *quizzes* e aprenda as regras a cumprir para estabelecer a melhor rotina para si.



## Ser Mãe com Esperança

**Catarina Gouveia**

A influenciadora Catarina Gouveia regressa para partilhar a sua experiência pela maternidade, não a romantizando, mas sim enaltecendo-a. Abordando o tema de uma forma simples e intimista, a autora conta como se preparou para a gravidez, como foi a escolha do médico e a passagem pelo mundo da amamentação. Este livro conta com a colaboração de vários profissionais das diferentes áreas (sono, obstetrícia e exercício físico) que a foram acompanhando ao longo desta jornada.



## Muito Mais do que Proteína

**António Pedro Mendes**

António Pedro Mendes, nutricionista e coordenador do Departamento de Nutrição do Sporting CP, reúne neste livro a sua experiência a trabalhar com atletas de alto rendimento nas diferentes modalidades. Este é o manual para todos os atletas, amadores ou profissionais que querem melhorar o seu rendimento desportivo. Rico em informação rigorosa e estratégias sobre nutrição desportiva.



## Em Forma em 1 Minuto

**Kyoko Imamura**

Um minuto por dia é quanto basta para ter o seu corpo de sonho! Kyoko Imamura, terapeuta no Japão, desvenda o seu método revolucionário para acelerar o metabolismo e perder peso e centímetros – sobretudo a partir dos 30, quando o sistema metabólico. Descubra como, ao alongar os sete músculos-chave, vai conseguir ativar as mitocôndrias para que estas queimem a gordura corporal, sem mais esforço. O melhor? Não há restrições alimentares.



## O Seu Corpo é uma Revolução

**Tara Teng**

Neste livro, Tara Teng, *coach* de Integração e terapeuta somática que ajuda as pessoas a ultrapassarem a vergonha, a curarem traumas e a voltarem a relacionar-se com os seus corpos, convida-nos a desparar para a integração do corpo com a alma. Quando acolhemos a sabedoria dos nossos corpos, curamos parte de nós, ocupamos plenamente as nossas vidas e transformamo-nos em quem nascemos para ser.

## Para os mais novos



## Segue os Teus Sonhos

**Kobi Yamada**

Do autor *bestseller*, Kobi Yamada e do ilustrador Charles Santoso, chega-nos mais uma inspiradora narrativa sobre os nossos sonhos e sobre como estes nos permitem criar oportunidades e alargar o nosso potencial. Se ao primeiro olhar esta é uma história para crianças, os adultos também se identificarão com ela, à semelhança dos livros anteriores. Aqui o mote é acreditar, ser corajoso e fazer acontecer.

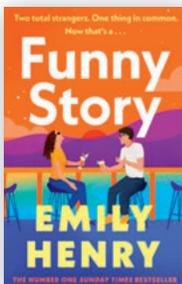


## Coelho vs. Macaco – A Máquina do Caos!

**Jamie Smart**

A máquina do caos é o volume 6 da banda desenhada mais brilhante e louca do universo infantojuvenil onde encontramos um Macaco robotizado que vive na floresta com o Coelho, o Esquilo, o Porco e o resto do gangue. Por entre os arbustos, as peripécias não param de acontecer em pequenas histórias. O resultado é uma hilariante coleção de aventuras que irão proporcionar horas de gargalhadas!

# NOVIDADES INGLÊS



## Funny Story

Emily Henry

Da rainha da comédia romântica, chega-nos uma história sobre dois *roomies* que são em tudo o oposto um do outro, mas que têm em comum algo completamente inesperado. Quer saber o quê? Isso é uma *funny story*...

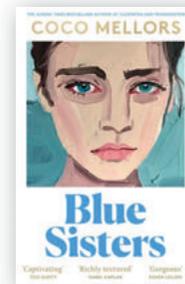
Daphne foi abandonada por Peter, que a trocou pela melhor amiga, Petra. Agora, a viver no Michigan, longe dos amigos e da família, e com um emprego que mal paga as contas, Daphne vê-se obrigada a partilhar a casa com Miles, que é nada menos do que o ex de Petra (sim, a nova namorada do seu próprio ex). Apesar de viverem na mesma casa, os dois tentam evitar-se a todo o custo, até que um dia, enquanto afogam as mágoas, criam um plano mirabolante para provocar os seus ex: postam fotos nas redes sociais fingindo que estão... *juntos*. É tudo *fake* porque não há a mínima hipótese de Daphne se apaixonar pelo ex da nova namorada do seu ex... certo?



## Daydream

Hannah Grace

Será que depois de *Icebreaker* e *Wildfire*, a série *Maple Hills* pode tornar-se ainda mais picante? Sim, ou não fosse Hannah Grace a sua autora! Mas *spicy* não é exatamente aquilo de que Henry, o protagonista de *Daydream*, precisa: nunca foi bom nos estudos, mas o facto de se ter tornado capitão da equipa de hóquei só veio tornar o seu primeiro ano na faculdade ainda mais complicado. Quando Halle, uma aluna brilhante do terceiro ano, se oferece para o ajudar, ele não hesita. Em troca, Henry só tem de tornar a vida de Halle um pouco mais divertida, dando-lhe a inspiração necessária para que esta vença o seu bloqueio de escritora. É uma *win-win situation*, basta que para isso sigam uma série de regras – incluindo não se apaixonarem um pelo outro...



## Blue Sisters

Coco Mellors

As irmãs Blue são extraordinárias – e também extraordinariamente diferentes umas das outras: Avery, a mais velha, é uma viciada em heroína em recuperação, que trabalha como advogada em Londres; Bonnie abandonou a carreira de lutadora de boxe depois de sofrer uma derrota devastadora e é agora segurança em Los Angeles; e Lucky, a mais nova, é modelo em Paris. Depois da morte inesperada da quarta irmã, Nicky, todas elas são obrigadas a regressar a Nova Iorque, para impedir que o apartamento onde cresceram seja vendido. Mas voltar a casa não é propriamente fácil e, à medida que enfrentam a perda da única pessoa que as mantinha unidas, as três irmãs Blue percebem que os seus maiores segredos talvez não sejam os que escondem umas das outras, mas sim de si próprias.



## The Reappearance of Rachel Price

Holly Jackson

Da autora da série *bestseller A Good Girl's Guide to Murder*, chegam-nos um novo *thriller* YA.

Bel, de dezoito anos, passou a vida à sombra do misterioso desaparecimento da mãe, Rachel Price. O caso é reavivado quando a sua família aceita participar num documentário sobre crimes reais, mas a jovem mal pode esperar que as filmagens terminem para que a vida regresse ao normal. Até que a mãe reaparece e tudo muda... Rachel tem uma história incrível sobre o que aconteceu – tão incrível, que Bel não tem a certeza se pode acreditar nela. Diante das câmaras, a jovem terá de descobrir a verdade e lidar com o terror de perceber quem é realmente a sua família.



## Knife

Salman Rushdie

Salman Rushdie, vencedor do Booker Prize e autor internacionalmente aclamado de *Midnight's Children* e *The Satanic Verses*, entre muitos outros grandes romances, oferece-nos, neste livro, um relato contundente e profundamente pessoal do atentado de que foi vítima, trinta anos depois da *fatwa* lançada contra ele. Abordando pela primeira vez em detalhe os acontecimentos traumáticos de 12 de agosto de 2022, em *Knife* o autor responde à violência com arte, lembrando-nos o poder redentor das palavras. Imperdível, este livro é uma meditação comovente e íntima sobre a vida, a perda, o amor e a capacidade de encontrarmos força para nos levantarmos uma e outra vez.



## Poor Charlie's Almanack

Charles T. Munger

«Passe cada dia tentando tornar-se um pouco mais sábio do que era quando acordou», aconselha Charles T. Munger em *Poor Charlie's Almanack*. Publicada originalmente em 2005, esta compilação de onze palestras do lendário vice-presidente da Berkshire Hathaway tornou-se uma referência para investidores e empreendedores. Com base no seu conhecimento enciclopédico sobre negócios e finanças, mas também sobre História, Filosofia e até Física, e com a sagacidade e o talento retórico que lhe eram caraterísticos, Munger dá-nos aqui a conhecer a rede de modelos mentais que sustenta a sua abordagem da tomada de decisões, oferecendo-nos uma série de preciosas lições sobre investimentos e filantropia, mas também sobre como ter uma vida mais racional e ética.

# SECRET SOCIETY

UM SELO EDITORIAL EXCLUSIVAMENTE YOUNG ADULT.



JUNTA-TE À SECRET SOCIETY  
#SEEKTHEBUTTERFLY

# Romantasy:

## e se o Capuchinho Vermelho se apaixonasse pelo Lobo Mau?

Há um novo tipo de ficção a dominar os tops das livrarias um pouco por todo o mundo: a *Romantasy* (ou *Romantic Fantasy*). Se ainda não se rendeu a este verdadeiro fenómeno cultural que, impulsionado pelo TikTok e pelo Goodreads, começou por ser uma tendência entre os mais jovens para apaixonar agora milhões de leitores de todas as idades, venha descobrir connosco os segredos deste universo.

### Wook é a Romantasy?

Como o próprio nome indica, a *Romantasy* junta a fantasia dos contos de fadas a elementos românticos intemporais. Ambientados em reinos mágicos, nestes livros encontramos dragões, monstros ferozes, seres imortais de uma beleza etérea, vampiros e outras criaturas míticas, mas também triângulos amorosos, inimigos que se tornam amantes, almas gémeas e amores proibidos, tudo temperado com referências aos antigos romances de cavalaria, como sangrentas lutas com espadas, demandas míticas, cortes, reis e servos. Apesar de as histórias de fantasia com paixão à mistura, como *O Senhor dos Anéis* ou *A Guerra dos Tronos*, não serem propriamente novidade, a *Romantasy* distingue-se porque, sem a história de amor, todo o livro rui.

### Empoderamento feminino (e não só)

Além disso, na *Romantasy* a donzela salva-se a si própria: as protagonistas destes livros são quase sempre raparigas poderosas e especiais, heroínas ousadas, que embarcam em missões épicas. Não admira, portanto, que o género seja sobretudo escrito e lido por mulheres. E, apesar de as personagens principais serem predominantemente brancas e heterossexuais, este estilo começa também a dar espaço ao romance *queer*, como em *Ganandrya*, da autora portuguesa A.R. Ruano, e a integrar personagens mais diversas, tal como sucede em *Lendários*, de Tracy Deonn, por exemplo.

### O ingrediente picante

Tipicamente, nestes universos encontramos também uma figura masculina, misteriosa e arrogante, que começa por ser o antagonista da heroína, para acabar depois por ajudá-la a descobrir os seus poderes. A relação entre os dois é alimentada por tensões e picardias, incluindo muitas vezes cenas de sexo bastante explícitas, a que os leitores se referem nas redes sociais como "spicy" ou "smut". Apesar de algo polémicas, por retratarem frequentemente modelos de relacionamento pouco saudáveis (do género: ele assassinou a minha família e fez de mim sua prisioneira, mas é tão sexy e enigmático que não consigo evitar apaixonar-me por ele – algo que só é realmente possível num mundo de faz de conta), estas cenas permitem às leitoras explorar todo o tipo de fantasias, mesmo as mais tóxicas, num ambiente seguro e sem culpa, fora da realidade.

## Por onde começar?

### ★ **Corte de Espinhos e Rosas** (+ 18)

A rainha do género é, sem dúvida, Sarah J. Maas, cujos livros já venderam, em conjunto, 40 milhões de exemplares em todo o mundo. A série mais popular da autora, *Corte de Espinhos*, centra-se nas aventuras de Feyre, uma jovem mortal de dezanove anos, acompanhando a história de amor épica e a luta feroz que se seguem à sua ida para Prythia, a terra das fadas, onde é cativa de Tamlin, uma criatura em tudo semelhante a uma terrível fera. Mas Feyre depressa descobre que o seu captor é muito mais do que aparenta e que nem tudo o que pensava saber acerca do perigoso mundo das fadas é verdade.

### ★ **Quarta Asa** (+ 18)

A *Quarta Asa* é o primeiro livro da série *Empyrean*, de Rebecca Yarros. Ambientado no universo competitivo de uma escola de elite, neste romance não faltam combates sangrentos, mortes e muita... paixão. A protagonista é Violet, de vinte anos, que esperava ter uma vida tranquila entre livros, mas é forçada pela mãe a juntar-se às centenas de jovens que ambicionam tornar-se cavaleiros de dragões. Para isso, terá de sobreviver a uma série de provas cada vez mais perigosas e aos outros candidatos, incluindo Jack, um colega sádico decidido a eliminar qualquer cavaleiro que considere fraco, e Xaden, cujo pai foi morto pela mãe de Violet.

### ★ **Aquorea – Inspira** (Jovem Adulto)

Da autora portuguesa M. G. Ferrey, *Aquorea* tem como protagonista Arabela, uma adolescente comum. Depois da morte do avô, Ara afoga-se e acorda numa comunidade muito antiga que fica milhares de metros abaixo do nível do mar. Irresistivelmente atraída por este exótico mundo novo, Ara depressa se adapta à sua nova realidade, mas quando alguns dos habitantes de Aquorea começam a morrer, a jovem percebe que talvez o seu "mergulho" não tenha sido coincidência... E, para salvar a sua nova casa, terá de se associar a Kai, um guerreiro subaquático que tem tanto de temperamental como de irresistível.

### ★ **Intocável** (Jovem Adulto)

Destinada ao público jovem adulto, a série *Shatter Me* é da autoria de Tahereh Mafi. O primeiro livro, *Intocável*, é narrado por Juliette, uma jovem de 17 anos com um poder que é também uma maldição terrível: o seu toque é letal e todos aqueles que tocarem na sua pele por tempo suficiente, morrerão. Há quem considere esta sua característica um dom e queira fazer dela uma arma, mas Juliette não se rende: escolhendo o seu próprio caminho, vai lutar por um futuro junto ao amor da sua vida.

### ★ **Powerless** (Jovem Adulto)

Depois do reino de Ilya ter sido assolado pela Peste, os que sobreviveram foram agraciados com poderes, tornando-se nos "Elites". Os outros, apelidados de "Vulgares", foram banidos da sociedade. Apesar de não ter qualquer poder, Paedyn é uma astuta e atrevida ladra de rua, que sobrevive fazendo-se passar por vidente. Mas depois de salvar a vida do príncipe Kai, a jovem é obrigada a participar numa competição mortal onde terá de mostrar os poderes que... não tem. Para além de tentar não morrer durante as Provas, Paedyn luta também com a atração que sente por Kai, que se dedica a caçar e matar Vulgares, como Paedyn.

# Memoráveis

Por J. Monte

José tinha apenas 5 anos quando a Revolução dos Cravos eclodiu.

Na memória que resiste, guarda desse tempo apenas duas imagens: os militares que, com um cigarro no sorriso, mandavam parar os carros para os revistarem à entrada da cidade, e um livro. Um livro branco com umas letras na capa ainda indecifráveis para ele.

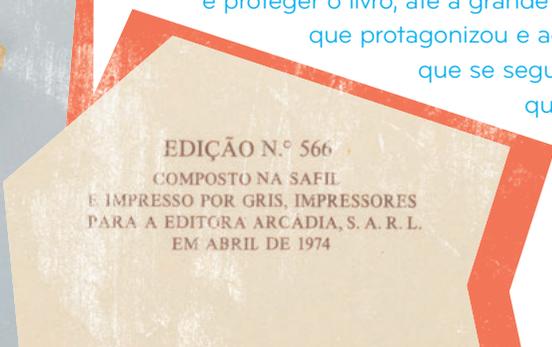
Estava preso num castanho guarda-vestidos que, além das roupas, guardava aquele livro que o pai lhe dizia ser "segredo". Passados 50 anos, o livro continua em casa do pai, agora numa estante que recebe o sol quase todas as manhãs. A capa branca é agora da cor de uma pérola, e o cheiro do tempo impregnou as páginas amarelecidas. Editado pela Arcádia, é a quinta edição com data de abril de 1974 do livro de António de Spínola, *Portugal e o Futuro*. Publicado pelo editor Waldemar Paradela de Abreu, e com lançamento no dia 22 de fevereiro de 1974, este livro tornou-se rapidamente num enorme fenómeno de vendas, atingindo, em sucessivas edições, os duzentos e trinta mil exemplares vendidos, escapando arditamente à censura

que controlava livros e jornais, e apesar do elevado nível de analfabetismo que se verificava no Portugal de então.

Para alguns historiadores, este livro desempenhou um papel muito importante nos meses que antecederam a grande revolução, criando um ambiente social propício, catalisando a expressão do contido anseio de mudança e trazendo para a "rua" um assunto que até então era apenas discutido em silêncio. Foi assim mais um dos elementos que potenciaram o grande dia da liberdade protagonizado pelos militares de Abril. E se um livro pôde ter desempenhado um papel importante no 25 de Abril, 50 anos depois faz sentido que celebremos esta data também com livros. Assim, destacamos algumas das novidades editoriais que nos transportam para aquele tempo único e nos relembram que a liberdade é uma conquista de valor incalculável.

**O General que Começou o 25 de Abril Dois Meses antes dos Capitães**, de João Céu e Silva, é um desses livros. Surpreendente e polémico, faz a biografia do livro *Portugal e o Futuro*, de António de Spínola, desde a Guiné, onde começou a ser escrito e para onde Spínola fora enviado por Salazar, passando pelas estratégias para fugir aos tentáculos da PIDE e proteger o livro, até à grande explosão de leitura que protagonizou e aos efeitos políticos que se seguiram. Um livro

que apresentava uma reflexão demolidora sobre a situação





nacional e o futuro das colónias, feita por quem melhor as conhecia e que teve uma repercussão social e política inédita na sociedade portuguesa.

Cinquenta anos depois, através de uma investigação que recorreu a testemunhos inéditos de intervenientes diretos, João Céu e Silva revela-nos, com pormenor e muitas curiosidades desconhecidas, a História da maior operação editorial levada a cabo em Portugal.

Passemos para a arte, também ela tão condicionada pelo Estado Novo. O livro **25 de Abril de 1974, Quinta-feira**, de Alfredo Cunha, é um álbum com fotografias icónicas que eternizaram a revolução com os seus principais cenários e protagonistas. Com textos originais de Carlos Matos Gomes, Adelino Gomes e Fernando Rosas, o livro apresenta ainda intervenções de Vhils sobre imagens icónicas de Cunha, também utilizadas na capa e nos separadores.



Tendo como ponto de partida as suas imagens, Alfredo Cunha idealizou um livro que se divide em três partes: os acontecimentos que antecederam o 25 de Abril e a que chamou "Guerra", o "Dia 25 de Abril" e o "Depois de Abril".

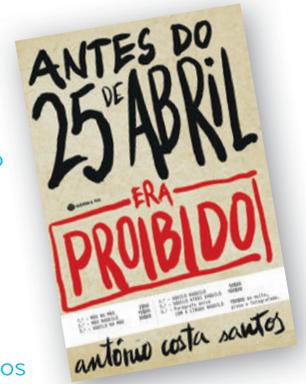
Esta é uma obra de grande valor histórico e artístico que consegue reunir, 50 anos depois, o fotógrafo que acompanhou de perto

o desenrolar dos acontecimentos naquele período, a perspetiva do militar Carlos Matos Gomes – que pertenceu ao Movimento dos Capitães de Abril –, os testemunhos do jornalista Adelino Gomes – símbolo da liberdade de expressão, ao conseguir um microfone emprestado para colocar a revolução no ar – e do ativista na clandestinidade Fernando Rosas, hoje historiador reconhecido. Para quem quiser descobrir os episódios menos conhecidos da Revolução de Abril, o livro **Do 25 de Abril de 1974 ao 25 de Novembro de 1975**, da historiadora Irene Flunser Pimentel, apresenta uma análise pessoal de acontecimentos ocorridos entre os anos finais da ditadura e o 25 de Novembro de 1975, com especial enfoque na queda da ex-polícia política e na influência externa, nomeadamente a ação dos EUA, da França e da Alemanha.

O livro aborda os últimos anos do regime ditatorial, bem como a guerra colonial e as relações externas de Portugal nesse período, a preparação do 25 de Abril e os dias que se lhe seguiram com a tomada da DGS, o papel do General António de Spínola e a consolidação do MFA. Por fim, numa análise pós-revolução, são revisitados o dia do PREC, o 11 de Março, a criação do Conselho da Revolução, o Verão Quente de 1975 e o 25 de Novembro.

O tempo passa e os pormenores são mais fáceis de esquecer, embora possam ter tido enorme impacto no quotidiano. Todos sabemos que

antes do 25 de Abril não havia liberdade de expressão, mas será que temos todos consciência de que um beijo na boca



# páginas

# de Abril



Mais livros sobre os 50 Anos de Abril

em público era proibido e que um beijinho no jardim, mesmo que discreto, se fosse nos lábios, era o suficiente para uma visita à esquadra e uma multa? O livro **Antes do 25 de Abril Era Proibido**, de António Costa Santos, propõe uma viagem às proibições do tempo "da outra senhora". Licença do Estado para usar um isqueiro, necessidade de uma autorização escrita do marido para uma mulher casada viajar para o estrangeiro, proibição de casamento para enfermeiras e até da BD estrangeira são apenas alguns exemplos da teia de leis que atentavam contra as liberdades individuais naquele tempo. Um livro divertido, mas sem graça nenhuma.

Felizmente para quem vivia esse tempo, a música teve um papel determinante na Revolução e que vai muito além das canções

que serviram de senhas do dia 25. Luís de Freitas Branco, autor de **A Revolução antes da Revolução**, traça neste livro os caminhos musicais que conduziram à liberdade.

Partindo do ano de 1971, em que foram editados discos

emblemáticos de José Mário Branco, Sérgio Godinho, Adriano

Correia de Oliveira ou Carlos Paredes e José Afonso, e que foi também o ano em que chegou à música portuguesa a canção-senha *Grândola, Vila Morena*, o autor desenvolve uma investigação rigorosa que recorre a múltiplas fontes documentais para demonstrar como a música popular portuguesa abriu as portas para um clima cultural, social e político fértil para o crescimento do ideal de Abril, iniciando uma revolução antes da revolução. Podemos efetuar diversos enquadramentos, especulações, análises, mas o dia é quem mais ordena. O dia, o momento, a palavra dita, a ação que marca a diferença entre o antes e o depois e que

é construído pelos militares que de madrugada partem rumo a Lisboa carregando, ao abrigo da noite, o peso de toda a esperança de um povo. Os Capitães de Abril, são eles os heróis de um dia que dura há 50 anos e que nos mudou o rumo. A reedição do livro **O Movimento dos Capitães e o 25 de Abril**, de Avelino Rodrigues, Cesário Borga e Mário Cardoso, que ficaram conhecidos como "os cronistas da Revolução", é uma homenagem ao movimento que preparou e concretizou os eventos da madrugada do 25 de Abril, destinada aos que a viveram e aos que ainda não eram nascidos. Um clássico factual e atual que nos convida a uma leitura e reflexão renovadas.

Chegados hoje ao futuro que Abril sonhou, como vemos e sentimos o Portugal? João

Gouveia Monteiro, em **Portugal 50 Anos Depois do 25 Abril**,

reúne a opinião de treze personalidades que refletem sobre o que mudou e o que falta fazer. Uma reflexão sobre o Portugal de hoje e de amanhã; os desequilíbrios da demografia e o ordenamento do território; os direitos individuais e a cidadania; os desafios enfrentados pelos jovens no acesso ao ensino, ao emprego e à habitação; a literacia, a cultura e as artes; a dicotomia democracia/capitalismo; o jornalismo num tempo de notícias falsas; a saúde e o

envelhecimento e... a liberdade, sempre a liberdade, o tempo e a utopia.

Estes são alguns entre muitos outros livros que reunimos para celebrar Abril. Em liberdade, que geralmente é sinónimo de fertilidade, podemos hoje ter abundância de informação e diversidade de opinião. Mas nem sempre foi assim: *A Condição Humana*, de André Malraux; *São Jorge dos Ilhéus*, de Jorge Amado; *Romances do Mar*, de Bernardo Santareno; *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes; *A Próxima Revolução*, de Tolstói; *As Moscas*, de Jean-Paul Sartre, são exemplos dos muitos livros e autores que foram censurados e proibidos durante o Estado Novo e para os quais o 25 de Abril abriu as páginas.

«Os Capitães de Abril, são eles os heróis de um dia que dura há 50 anos e que nos mudou o rumo.»

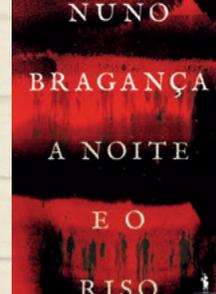
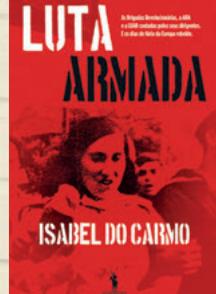
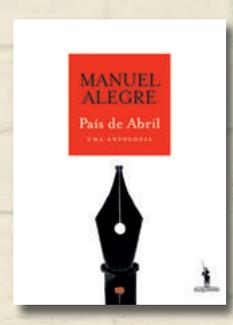
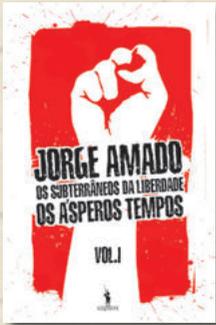
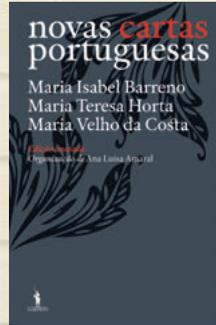
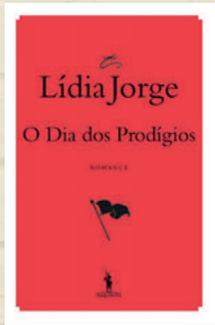


# FESTEJAMOS A LIBERDADE

«Mesmo na noite mais triste em tempo de servidão há sempre alguém que resiste há sempre alguém que diz não.»  
Manuel Alegre, Praça da Canção



## 50 ANOS 25 DE ABRIL

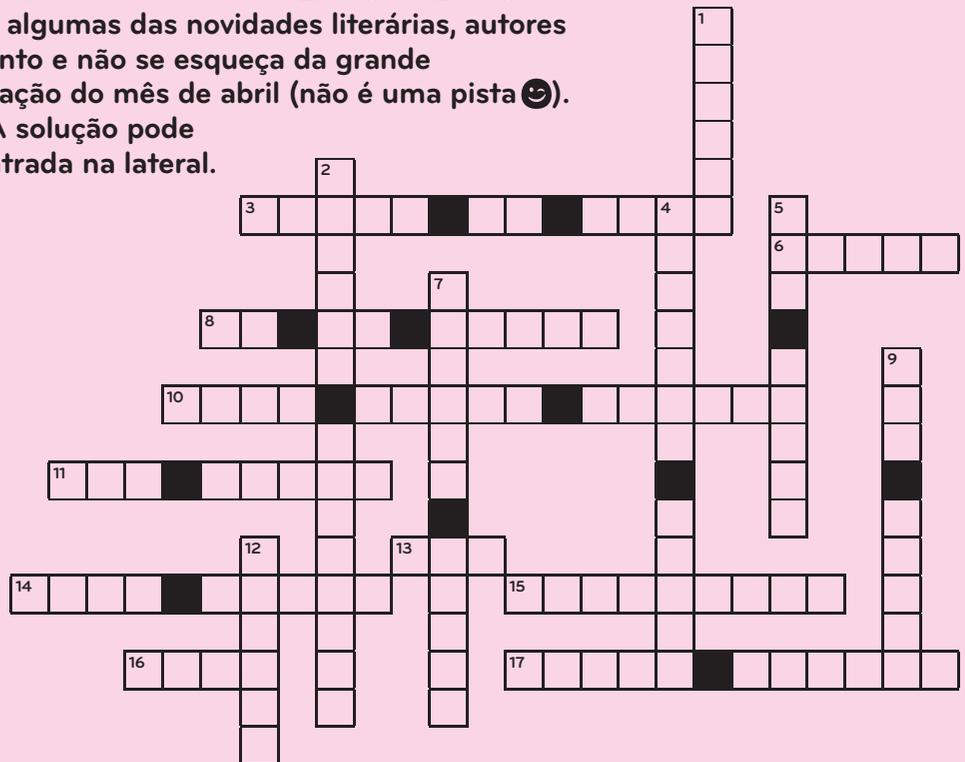


# C

# RUZADOS

# LIVROS

Wook lhe parece de fazer uma pausa na leitura e relaxar um bocadinho com uns Livros Cruzados? Descubra algumas das novidades literárias, autores do momento e não se esqueça da grande comemoração do mês de abril (não é uma pista 😊). Pronto? A solução pode ser encontrada na lateral.



**Pistas:**

**Horizontal:**

- 3. Autora *bestseller* da série Trono de Vidro
- 6. Romance fantástico escrito pela autora *bestseller* Ali Hazelwood
- 8. Também conhecida como Revolução dos Cravos
- 10. Escritor e jornalista, autor da obra *O Meu Primeiro 25 de Abril*
- 11. Série de manga escrita e ilustrada por Eiichiro Oda, adaptada ao pequeno ecrã
- 13. Livro escrito por Tom Holland sobre a Guerra e Paz na Idade de Ouro de Roma
- 14. Escritor português, autor de *Cem Anos de Perdão*
- 15. Romance de literatura fantástica, escrito por Lauren Roberts
- 16. Maior livraria *online*
- 17. Escritora irlandesa, autora dos *bestsellers* *Pessoas Normais* e *Conversas Entre Amigos*

**Vertical:**

- 1. Livro sobre as aventuras de um poeta épico português do séc. XVI, de Sérgio Franclim
- 2. Autora de *O Escritório*, entre outros *thrillers* psicológicos *bestsellers*
- 4. Famoso psiquiatra e autor de livros como *Ansiedade* e *Intoxicação Digital*
- 5. Locutora de rádio, escritora e autora do livro *Avó, Onde é Que Estavas no 25 de Abril?*
- 7. Autora da trilogia dos *Bilionários do Parque Dreamland* e da série *Dirty Air*
- 9. Autor vencedor do Prémio Nobel de Literatura 2023
- 12. Primeiro livro da série *Never After*, de Emily McIntire

**Soluções:**

**Horizontal:**

3. Sarah J. Maas

6. Noiva

8. 25 de Abril

10. José Jorge

Letra

11. One Piece

13. PAX

14. João Tordo

15. Powerless

16. WOOK

17. Sally Rooney

**Vertical:**

1. Camões

2. Freida

McFadden

4. Augusto

Curry

5. Ana Markl

7. Lauren Asher

9. Jon Fosse

12. Hooked

# FENG SHUI

Por Sara Pais

um guia  
para  
atrair  
boa sorte

A casa é o espaço onde se procura conforto, é uma extensão do corpo e da alma, uma reflexão da personalidade de quem realmente é, ou quer ser. No entanto, não precisa de ser apenas um espelho seu, mas também um lugar que proporciona boas sensações e permite relaxar (quase como se estivesse num *spa*). Ao aplicar pequenas mudanças, é possível tornar a casa um espaço mais harmonioso, onde a energia flui de forma natural e relaxante.

**Feng Shui**, *fěng 'fuj* [nome masculino]: sistema filosófico taoista que estuda a relação entre as pessoas e os ambientes em que vivem, com o objetivo de organizar os espaços de modo a atrair influências benéficas. Do chinês *feng* (vento) + *shui* (água)

O *feng shui* está cada vez mais em voga e a ser adotado por muitos ocidentais para trazerem harmonia para os seus lares. Este sistema tem em consideração a ligação de cada lugar com cada indivíduo, com as suas virtudes, inquietações e sucessos. O propósito desta filosofia é redirecionar a energia vital, o *chi*, atraindo o bem-estar e o equilíbrio para o local onde vivemos.

Para além de ajudar a atrair a sorte, explica como a desarrumação e a desordem são um reflexo dos pontos fracos, inseguranças e das áreas mais problemáticas das nossas vidas. A desordem, em cada divisão da casa, deixa transparecer uma área da vida que se encontra com menos harmonia. Ao identificá-la, consegue alterá-la e melhorar o seu bem-estar.

O *hall* e a sala de estar desarrumados são sinónimo de fobia social; já um armário com roupa, sapatos e carteiras amontoadas, de forma aleatória, são prova de falta de controlo emocional. A acumulação de coisas velhas, segundo esta filosofia, é sinónimo de que vive no passado e se deixa dominar por pensamentos e ideias desse tempo. Por isso, destalhar é bom e ajuda-o a libertar-se das más energias do passado, dando espaço para que boas e novas energias fluam na sua vida.

No *feng shui*, as casas são entidades vivas que influenciam a nossa saúde e estado de espírito. Vamos ensinar-lhe algumas técnicas para orientar a sua casa, tratar os elementos de cada divisão e escolher a decoração adequada para que a energia circule fluidamente.

**Hall:** esta divisão deve estar bem iluminada e bem arrumada, sem elementos partidos ou estragados, e com cores claras e luminosas. No caso de não ter um *hall*, pode limitar um espaço da casa para esse propósito.

**Sala de estar:** para além do quarto, esta deve ser a divisão em que é capaz de passar mais tempo a relaxar. Deve apostar em móveis confortáveis, com almofadas, para beneficiar o conforto das pessoas. O sofá deve estar encostado a uma parede sólida e de frente para a porta da entrada. Este é o local ideal para colocar as fotos de família e recordações, mas sempre primando pela ordem, para a energia fluir. A nível de cores, os tons quentes (laranjas e amarelos) são ideais para transmitir energia, podendo também optar por tons terra não muito escuros.

**Sala de jantar:** para começar, a mesa deve ser redonda e de madeira, para que exista igualdade entre todos os elementos da casa. O tampo nunca deve estar vazio, podendo ter centros de mesa com flores, velas ou frutos. As cores a privilegiar nesta divisão são os tons terra e os verdes de matiz quente.

**Quartos:** a organização desta divisão pode ser meio caminho andado para ter um melhor descanso e um sono com maior qualidade. A cama não deve estar debaixo de nenhuma janela ou de frente para a porta, uma vez que a energia pode sair por lá. Deve também evitar colocar espelhos que reflitam a sua imagem enquanto está deitado, assim como ter dispositivos no quarto que estimulem a atividade (televisores, computadores ou máquinas de exercícios). Apesar de serem espaços cheios de vida, os quartos das crianças devem permanecer sempre limpos e arrumados, pois o excesso de brinquedos pode dificultar o descanso. Para estas divisões, os tons pastéis ou de matizes suaves de verde ou violeta são os ideais.

**Cozinha:** pode parecer estranho, mas a cozinha não deve ser visível da porta da entrada e deve ter sempre algo a bloquear a vista, como uma cortina ou porta. Como é óbvio, é uma divisão que deve permanecer sempre arrumada e limpa, incluindo dentro dos armários. Para a cozinha evite usar cores como o azul, vermelho-vivo e laranja, dado aumentarem o nervosismo e discussões. Deve escolher antes matizes claras combinadas com tons azuis e verdes-claros.

No geral, todas as divisões devem estar bem organizadas e limpas, evitando-se guardar objetos que já não são úteis, para se libertar a energia estagnada. Como já percebeu, para esta filosofia a **luz** é um elemento muito importante e que deve ser o mais privilegiado possível. A ciência já provou que a luz natural influencia positivamente o nosso estado de espírito e é um fator crucial para a saúde física e mental. Segundo o *feng shui*, é importante que, durante o dia, sincronize o seu ritmo biológico com o da luz natural, mantendo sempre as várias divisões da casa bem iluminadas pelo sol. Já durante a noite deve optar por iluminar os quartos com luzes mais ténues, como velas ou pequenos candeeiros, evitando ter dispositivos eletrónicos como emissores de luz, como é o caso dos computadores e televisões. Para potenciar o máximo de luz natural em casa, pode seguir estas quatro técnicas:

- Opte por cores claras e brilhantes nas paredes e pavimentos, dado refletirem a luz solar;
- Evite ter móveis altos e divisórias que interrompam o fluxo solar;
- Instale claraboias em espaços interiores mais escuros;
- Use portas de vidro, quando possível, para promover a passagem de luz solar.

Através destas orientações consegue integrar a luz natural em casa, de forma simples, e usufruir ao máximo dos seus benefícios de forma harmoniosa. Uma pequena adição à casa que lhe vai proporcionar imensos benefícios são as **plantas**. Para o *feng shui*, as plantas apresentam resultados muito benéficos, ajudando a equilibrar o *chi* dos lugares, e a melhorar o estado físico e emocional. Para o interior, as plantas com folhas redondas, ovais ou em forma de coração, são as mais indicadas, pois ajudam a harmonizar as divisões e são uma fonte de vibrações positivas. Já as plantas que têm folhas alongadas e pontiagudas são as mais adequadas para estarem no exterior porque, como produzem energia negativa, conseguem desviar o *chi* negativo que possa vir de fora da casa. Os bonsais e plantas secas devem ser evitados em qualquer divisão da casa porque o seu *chi* já se encontra morto e não é uma boa fonte de energia.

O *feng shui* é uma filosofia milenar que traz benefícios mentais e fisiológicos para os indivíduos, assim como bem-estar e harmonia para os lares e os seus habitantes. Ao aplicar os conselhos desta prática, mantendo sempre as divisões limpas, arrumadas e harmoniosas, consegue ativar o fluxo de *chi* do lar e tirar o máximo proveito para a sua vida, colhendo os benefícios e aumentando a prosperidade.

*Se há luz na alma, haverá beleza na pessoa.*

*Se há beleza na pessoa, haverá harmonia no lar.*

*Se há harmonia no lar, haverá ordem na nação.*

*Se há ordem na nação, haverá paz no mundo.*

### Antigo provérbio chinês

Para o ajudar a começar esta jornada, nada melhor que os livros de especialistas na arte do *feng shui*. Estes quatro livros podem dar-lhe as luzes de que precisa para começar a colocar esta filosofia em prática.



## Cuide da Casa, Cuide de Si

Diana Quan

Numa abordagem simples, a autora explica o que é o *feng shui*, partilhando técnicas e estratégias para colocar em prática de forma a melhorar a sua casa e o seu estado de espírito. É um guia acessível que aborda as divisões da casa e explica como tirar o melhor proveito e retomar a energia positiva do seu lar.



## Regras de Ouro do Feng Shui

Rinoie Yuchiki

Este livro é da autoria da mestre de *feng shui* mais popular do Japão. Numa linguagem simples, explica as diferentes regras para cada divisão da casa, esclarecendo também como prosperar nos diferentes campos da vida pessoal e profissional. No final, tem um espaço reservado a delinear as regras de ouro de *feng shui* que quer aplicar em sua casa.



## Casa com Vida e Casa com Alma

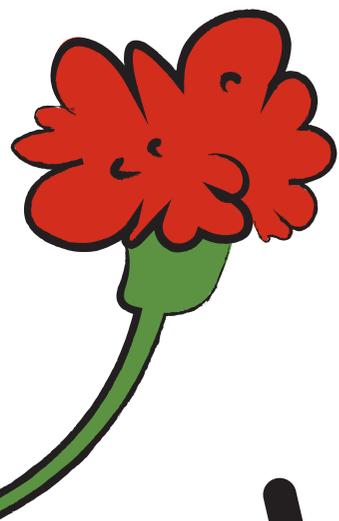
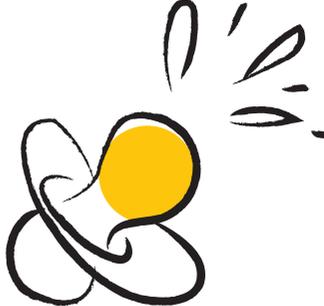
Vanda Boavida

Estes dois livros abordam o *feng shui* com perspetivas diferentes. O primeiro é um guia para o ajudar a organizar a casa, simplificar a vida e encontrar o bem-estar emocional. Ao longo do livro são apresentados vários exemplos, dicas, esquemas e estratégias simples para aplicar no dia a dia e melhorar e equilibrar a sua vida.



O segundo livro ajuda-o a transformar a sua casa num refúgio de paz e tranquilidade com o *feng shui*. Aliando o método do *feng shui*, com a filosofia de Kaizen, e o *vision board*, a especialista ensina pequenos truques e mudanças que pode aplicar na sua casa para a tornar mais harmoniosa, o que se vai refletir na sua vida pessoal e profissional.

A 25  
de  
BRIL



já  
não é  
bebê!

Manuel S. Fonseca\*

Ilustrações © Nuno Saraiva

Perguntar é bom? Ai, é bom, é bom é!, para a mamã e para o bebé! Mas o 25 de Abril já não é um bebé e temos de deixar de fazer a maternal pergunta «Onde estavas no 25 de Abril?» para fazer duas outras e mais sacramentais perguntas «Com o que sonhavas antes do 25 de Abril?» e «O que fizeste com o teu 25 de Abril?». Os meus sonhos eram húmidos por serem tropicais. Como qualquer miúdo de 18 anos, sonhava com «jovens mulheres» e suas «harpas de sombra» e, espreitando então para dentro dos lençóis da política, sonhava com a fuga.

### Sonho e fuga

Eu vivia em Luanda, era comprido, mais de 20 metros, o meu quintal de mamoeiros, sape-sape e uma gajajeira. Quando, pequeno saguim, depois de ler um romance de John Steinbeck ou de Somerset Maugham, nesse tempo autores da minha predilecção, descia da mangueira que era a minha sala de estar e a minha biblioteca, eu sonhava que, como um marujo de Conrad, um Lord Jim caluanda, entrava clandestino num cargueiro e percorria os oceanos até desembarcar no Inverno de uma cidade belga (talvez na pensão da Léah de José Rodrigues Miguéis), de uma cidade holandesa ou mesmo escandinava.

Um livrinho de contos, *Os Passos em Volta*, de Herberto, alimentava esse imaginário de exílio e de transgressão. Por favor, entrem e sentem-se nos supedâneos do meu cérebro desse tempo, cérebro que eu tenho conservado em formol e muitas conversas noite dentro. Lá, encontrarão o desejo de bares exóticos, de quartos escusos, de ruelas perigosas em cidades de madrugada iluminadíssimas, do calor de uma cama e da benesse de um seio generoso e gentil. Aos 18 anos, em 1972, nos olhos de água e cabeça morena de um jovem português, o exílio não era um castigo. Era uma dádiva dos deuses. Fugir não era cobardia, era uma

forma de ousadia. Era em tudo isso que eu pensava quando convenci o meu pai a dar-me a emancipação, e traduzo essa linguagem pitecantropa para o português contemporâneo: era-se adulto aos 21 anos, mas podia obter-se a mesma qualidade, com aceitação notarial e declaração paternal, aos 18. Assim foi: aos 18, estava por minha conta e risco. Foi, com esse baptismo notarial, adulto perante Deus e os homens, que entrei na sede da PIDE, em Luanda, na entrevista para poder ter um passaporte. Seria o meu passaporte para a fuga. Não foi, não mo deram.

### Chegou como um sussurro

Estava em Lisboa, em Março de 1974, a um passo dessa grande evasão, mas Luanda, o apelo dos trópicos, a quissângua, a muqueca e o calulu do fim de festa, foram os poderosos e crioulos ímanes que me fizeram regressar, a um mês do 25 de Abril. «*Foste de carrinho*», dizia-se no meu bairro quando alguém se despistava. Na verdade, fui de avião, mas foi como se fosse de carrinho. Eram quatro da tarde e, em Luanda, eu estava na sala da Biblioteca Nacional de Angola. Sei que lia um livro de linguística, *O Que É a Linguagem*, de John Lyons, quando o Juju, mano da Faty, de quem eu seria padrinho de casamento, me disse ao

ouvido: «*Komé, Mané Santos, ouvi na rádio sul-africana, há um golpe de Estado em Portugal!*» Eis como o 25 de Abril entrou na minha vida, como um sussurro, vindo do éter radiofónico, passando pela voz mulata, bem timbrada do Juju, herança do mais velho e patriarcal Correia Nunes, pai do Juju, que me alimentou em sua casa, quando fiquei, mancebo branco, pula, sozinho, no meio do bué de guerra que dilacerou a barriga de Angola. Em Portugal, ouvia eu nessa Angola em que não havia televisão, o povo unido nunca mais seria vencido, com as ruas cheias, num triunfo espampanante de minissaias e de calças à boca de sino, com os capitalismos e imperialismos a espetarem-se e esparramarem-se nas paredes pintadas, émeérrepêês a escorrerem pelos muros,





as vagas cunhalistas a encher estádios, sem espinhas. Cantava-se – o Zé Mário, «Eh Companheiro!» –, chorava-se, lambia-se a liberdade, sem se saber muito bem se a liberdade era coisa para se comer ou se era coisa para se beber. E que interessava: Amália já não tinha de cantar «pão e vinho sobre a mesa!»! Sobre a mesa, sobre o pão, sobre o vinho pairava agora a bela nuvem da liberdade. No Porto, em Lisboa, no Algarve, região dada como desaparecida para ser reencontrada no bolso do Chega, gritava-se «É feio, é feio ficar no passeio». Andava eu a calcorrear Luanda. Ia a caminho da Emissora Católica, onde o Carlos Brandão Lucas tinha quatro (ou eram três?) programas diários, todos chamados *Equipa*, o Artur Neves era o sonoplasta, o Emílio Cosme fazia crónicas, também lá estava o António Macedo e eu escrevia e lia *As Crónicas do Aracnídeo*. Os tiros já polvilhavam a cidade, tiros-açúcar, tiros-canela,

tiros-jindungo. E um dia, estava a manhã a raspar e contornar o meio-dia, tinha-me metido na Mutamba num maximbas (autocarro, pois claro) para o Bairro Popular, entraram os mortos. Eram três mortos e vinham com os seus lençóis de sangue, estendidos nas carretas. Os militantes do MPLA queriam que todo o maximbas visse os seus mortos. Três freirinhas – seriam do Sagrado Coração de Jesus? – correram para a tão próxima, tão bela igreja do Carmo, a dos Carmelitas Descalços. As freirinhas fugiram, eu confraternizei com os mortos. Já não sei se lhes disse «*A luta continua! A vitória é certa*» ou «*O MPLA é o povo, o povo é o MPLA*».

Era o que as ruas de Luanda gritavam e cantavam. Lá não chegavam já os ecos de «*O povo é quem mais ordena*» ou de «*O sol brilhará para todos nós*» e muito menos esse humor desencantado, mas límpido, do «*Nem mais um soldado para as colónias, nem mais uma freirinha para o céu*», slogans que, pouco marinheiros, se deixavam ali ficar, entre o Chiado e o Terreiro do Paço, e, ao contrário da famosa gaivota, não voavam, não voavam.

#### **A Sul, em terras de sal, terras de sol**

Confesso o que fiz com o meu 25 de Abril. Comprei um *Dois Cavalos* de chão tão carcomido que se via o alcatrão e fiz 700 km até ao Lobito. Experimentei, saboreei, degustei uma liberdade com que nem Che Guevara sonhou nos seus melhores dias. Dei aulas, quando já ninguém dava aulas, e andei, nos tórridos areais do morro da Bela Vista (como estarão hoje?), sozinho a convencer os ovimbundos da UNITA a votarem no MPLA quando houvesse eleições (o que eles

se espantavam e riam, magnânimos com o solitário pula que vinha entrar-lhes nas cubatas frescas), sem ver que Angola inteira estava já «*com arma, com arma de guerra na mão*». Se em Portugal, dizia o MRPP, «*ninguém há-de calar a voz da classe operária*», com esse soberbo acréscimo anarquista, «*nem mesmo o MRPP*», o meu 25 de Abril foi lá bem a Sul, em terras de sal, em terras de sol, de uma liberdade de «*nem Deus, nem chefe*». Este livro, **25 de Abril, No Princípio Era o Verbo** que agora organizei, e que o Nuno Saraiva primorosamente ilustrou (na verdade, dois terços do livro são dele!), é o meu reencontro com os sonhos de fuga e exílio e com o dia em que esses sonhos deixaram de ser precisos. Neste livro, o Nuno e eu, quisemos reconstituir a explosão, a rolha que salta da garrafa de champanhe do dia 25 de Abril e dos meses que se lhe seguiram. E também a divina perplexidade humana perante a liberdade: se há quem grite, quem busque o som uníssono, há sempre quem sussurre, quem seja um apaniguado da irrisão, quem busque a polifonia. Vejam este livro como a tentativa de fixar esse minuto em que o clamor, o caos e a sinfonia, a alegria esfusante e impetuosa, e os mais inocentes e angélicos sonhos fizeram de Portugal o ponto mais livre do planeta. É esse o 25 de Abril que vale a pena ler. Sempre!

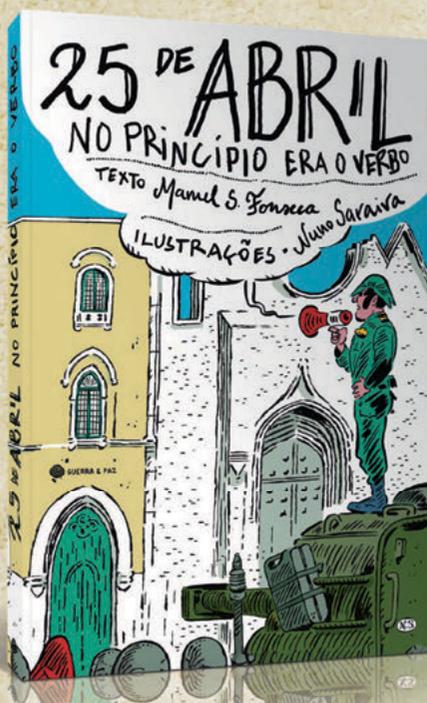
**\* Fundador e administrador da editora Guerra & Paz**

*O autor escreve de acordo com a antiga ortografia*



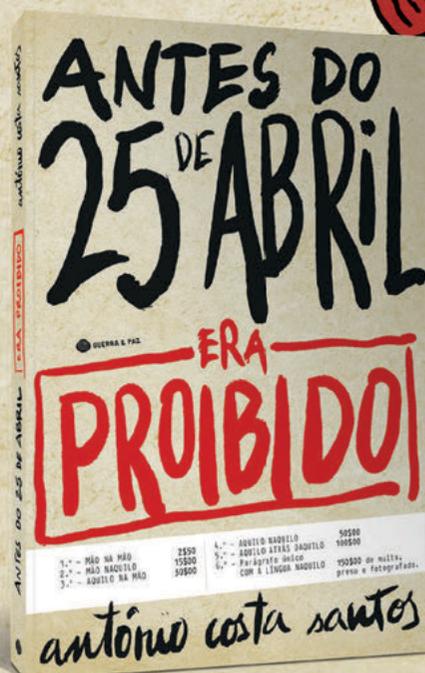
# Baril, baril são os LIVROS DE ABRIL

Estes são dois livros em festa:  
os mais divertidos sobre o  
25 de Abril. A terra a quem  
a trabalha, os livros a quem  
gosta de ler.



«Uma boa maneira  
de recordar»

**RICARDO ARAÚJO PEREIRA**



«Este livro é importante para todos  
os que dizem “Isto antes é que era  
bom.” Não, não era!»

**MANUEL LUÍS GOUCHA**



Por Vera Dantas

# Sérgio

# Godinho

## Entrevista

Passaram-se 50 anos sobre o primeiro dia do resto de muitas vidas. O 25 de Abril de 1974 foi a maré alta que trouxe de volta a Portugal Sérgio Godinho, na altura um jovem artista e criador que, vivendo pelo mundo fora, navegava na língua e música portuguesas.

A liberdade é a palavra e o conceito que mais acarinha e defende e, se hoje «está a passar por aqui», também a ele o devemos. Não se define como cantor de intervenção, já que as suas criações musicais correspondem a uma realidade múltipla, tal como a sua ficção narrativa. Conta que, enquanto letrista, leva as palavras a deitarem-se num leito musical que cria previamente. Enquanto escritor, transporta para os livros a essência lírica e o sentido rítmico das suas canções.

No seu mais recente romance, *Vida e Morte nas Cidades Geminadas*, Sérgio Godinho entretece a paixão entre dois jovens amantes com a dicotomia existencial entre a vida e a morte. A emigração, o fado, a saudade e o sentido de pertença também o permeiam.

O que se segue é uma conversa inesquecível com esta figura maior da música e da escrita, para quem criar e viver são duas coisas complementares, e sem ordem de preferência.

**Vida e Morte nas Cidades Geminadas centra-se num tema recorrente nas suas canções – o amor, entre duas pessoas em início de vida adulta, a paixão, os medos, o desalento. Esta é uma das fases mais definidoras da vida de alguém?**

É, com certeza. O livro fala do amor e da vida, mas também da morte. São dois temas importantes e que trespasam a vida e a literatura. Aqui fala-se de duas personagens em duas cidades geminadas. Uma rapariga de 16 anos emigra de Guimarães com os pais para Compiègne, uma cidade perto de Paris, da dimensão de Guimarães. Mais tarde, está a tirar um curso de hotelaria e conhece Cédric, um rapaz francês que trabalha na morgue. Ela chama-se Amália Rodrigues – o nome da família é o do pai, que tinha uma paixão por uma tal cantora chamada Amália. Ela até canta o fado, mas de forma amadora, num restaurante e casa de fados para imigrantes, a Casa Portuguesa. A imigração também se junta não como tema principal do livro, até porque eu próprio fui imigrante em vários países, nomeadamente em Paris durante 5 anos. Foi lá que fiz os meus dois primeiros discos, *Os Sobreviventes* e *Pré-Histórias*. Estava em Vancouver, no Canadá, fora de Portugal há 9 anos, quando vem o 25 de Abril. Portanto a história de estar fora do país também é um assunto recorrente e de certo modo importante para mim.

**A certa altura o tio de Cédric diz-lhe «Vê só o rasto que a tua mãe deixou...». Essa ideia de que, quando partimos, algo fica de nós, é muito explorada na narrativa. Quando publica as suas obras e canções, está a partilhar muito de si. E já deixou muita coisa...**

Seja nas canções, seja neste ficção narrativa, não sou propriamente autobiográfico. Duvido que alguma vez faça uma autobiografia tal qual. Mas acho que projeto sempre um pouco daquilo que sou nas minhas personagens. O que é apaixonante é que as personagens não têm que ser iguais a mim. Muitas vezes até têm opiniões contraditórias face às que eu

teria. Mas isso é construção ficcional. Lembro-me que o primeiro conto que escrevi para o livro *Vida Dupla*

chamava-se *Notas Soltas da Corda e do Carrasco*, e era na primeira pessoa. Ora, eu penso que não pode haver alguém tão diferente de mim como um carrasco profissional. Mas são as cabeças das outras pessoas, por que motivo tomam determinadas decisões, quais são os seus valores. E, como resultado final de tudo isso, nós questionamos os nossos próprios valores e o que somos.

**Cédric vive com a dor da perda do irmão mais novo, que era uma força de viver, e da mãe, sua amiga e confidente. Ter ido trabalhar para a morgue, mais do que uma oportunidade fácil, foi uma forma de se ligar a eles, vivendo num limbo possível?**

Não, simplesmente o tio dirigia a pequena morgue daquela pequena cidade e ele achou que seria um trabalho como qualquer outro, embora depois seja apanhado pela reflexão sobre o que há para além da morte de uma pessoa – que marcas é que ela deixou em vida que vão repercutir-se para outras pessoas? No meu caso, a marca que os meus pais deixaram nas outras pessoas foi importante. A maneira como falam deles trouxe algum valor às suas vidas. Neste livro, é importante esse confronto entre a vida e a morte, a diferença entre Amália, mais superficial e vivencial, e Cédric, mais pensador. Ambos trabalham em locais de passagem de pessoas: Amália num hotel, local de vidas efémeras, e Cédric numa morgue, local de mortes efémeras.

**O amor entre Amália e Cédric parece-lhes mágico. Mas nada é certo... A vida é mesmo feita de pequenos nada?**

A vida é feita de pequenos nada sempre, mas esses nada fazem um todo que é importante ao longo dos anos e das circunstâncias, que podem acelerar ou retrai-los. No caso do grande amor entre estas duas personagens, quando se tem 21 anos pensa-se que algo é eterno, e não é o caso. Tem-se uma vida à frente, embora cada um tenha o seu percurso. Na ficção narrativa, as próprias personagens indicam-nos o caminho, ou fazem-nos perguntar e nós temos as respostas que resolvemos inventar, mas também nos fogem ao controlo, e é bom que seja assim.

**«A letra vem deitar-se no leito musical [que a precede].»**

**Neste livro temos pensamentos, medos e desejos, perda e vida, hábitos e costumes, como nas letras das suas canções. Traçar retratos das pessoas é-lhe espontâneo?**

Eu sempre falei das outras pessoas e também me servi das canções para isso. Criei muitas personagens, muitas vezes sem nomes. A vida das pessoas e o seu comportamento, seja amoroso, social, ou as suas interrogações, são muito importantes para mim. É por isso que eu – e agora falando um pouco das canções – nunca me quis restringir a um só género, nem me consigo definir em termos de uma etiqueta, como a das canções de intervenção. Tenho canções de teor mais social, mais político até, como *O Primeiro Dia*, que fala de uma rotura, de uma reconstrução. E canções mais lúdicas como *Um Brilhozinho nos Olhos* ou *Espalhem a Notícia*. Todas correspondem a uma realidade múltipla, tal como a ficção narrativa.

**Quando escreve letras de canções, a escrita vem-lhe em torrente (ao contrário da escrita de ficção)?**

Quase nunca sou um imediatista, vou sempre verificar as primeiras versões, ver se a construção está certa. A escrita de ficção é muito diferente da escrita de canções, pois estas têm dois elementos com técnicas específicas: a música e as letras, que geralmente vêm depois [no meu caso]. As canções estão sujeitas a rimas e a uma métrica muito estrita. Mas gosto de jogar com rimas na ficção narrativa, é um prazer que descobri tardiamente e que continuo a sentir.

**Já escreveu contos, poesia, romance, peças de teatro, guiões de cinema... Qual destas formas de escrita lhe dá mais prazer?**

Cada uma delas ou todas, dependendo da fase da vida, do ano, ou do dia, embora para mim todas as formas de escrita se complementem. Quando começo a ter saudades da música volto lá, não a abandono, porque tenho sempre nas canções aquilo de que eu gosto mais: o palco. O palco é aquilo que me traz a plenitude das canções – estar a cantar perante um público, com os meus músicos, e estarmos a reagir mutuamente às energias que se vão criando. E isso é diferente de um livro porque, neste, a reação é diferida.

**Tem um momento do dia e um local preferidos para escrever?**

Uso o computador para escrever já há bastantes anos, e gosto de escrever à noite ou ao fim da tarde. Não me isolo, gosto de estar com as pessoas, não chateio



muito e elas geralmente dizem-me coisas simpáticas, como um simples agradecimento. Isso é tocante. Mas, enquanto os palcos são a comunicação absoluta com outras pessoas, a criação das canções é algo de muito solitário, e também preciso desse tempo só para mim. Na canção *Lisboa que Amanhece*, digo que as dádivas da noite são eternas. Não é que eu seja um notívago, mas vou avançando. Isso é um prazer da criação que é muito recompensador.

**Como é que o livro *Pela Estrada Fora*, do Jack Kerouac, o marcou?**

Esse livro foi-me dado a conhecer pelo Manuel António Pina, porque nós éramos colegas de liceu. O livro deu-me um abanão enorme. Eu li-o e disse: «Eu tenho que ver mundo, tenho que sair, viajar». Não são todos os livros que criam em nós a vontade de mudar a nossa vida. Não é que eu não tivesse já isso subjacente aos meus interesses, mas eu – gostando do Porto e até do meu ambiente familiar, pois tive uns pais estimulantes – precisava de sair, e saí aos 20 anos. Mas isso é uma longa história...

**Disse que *Liberdade é, de todas as palavras e conceitos que usa na vida, e nas canções, a que mais acarinha e defende. Foi duro deixar um país privado dela, apenas com 20 anos?***

Não, não foi duro deixar o meu país e a minha cidade porque eu tinha uma grande sede de ver mundo. Eu ainda saí legalmente, porque ia estudar psicologia em Genebra. Mas deixei o curso no segundo ano, porque comecei a entrar em crise séria, e depois andei a

vagabundear pela Europa à boleia. Trabalhei na cozinha de um barco holandês, atravessei o Atlântico, fui às Caraíbas passando pelos Açores. Depois fui para Paris, estive envolvido no Maio de 68, conheci o José Mário Branco, o Luís Cília e outros, que já cá não estão, e comecei a compor. Nessa altura já nem podia voltar a Portugal porque já não tinha passaporte e iria diretamente para a Guerra Colonial, coisa que eu nunca tive intenção de fazer – era contra a guerra e contra o regime. Tudo isso foi o começo de uma história, mas claro que eu tinha saudades de Portugal. Quando voltei para Portugal, após o 25 de Abril, já com dois discos feitos, foi uma enorme alegria e também uma comunhão com públicos que se formavam espontaneamente nos dias seguintes, o que foi muito importante.

**Também afirma que «não se vive exactamente uma só vez», que «viver no palco uma canção é repetir tudo e tudo..», praticar. Ao longo destes 50 anos, temos praticado a liberdade em Portugal?**

Nós temos sempre que praticar a liberdade porque a liberdade é um termo genérico e imperfeito, e a letra da canção *Liberdade* – «Paz, Pão, Habitação, Saúde, Educação», etc., porque a justiça também podia bem ser incluída aí –, são conteúdos que têm de ser preenchidos com coisas reais. Estamos num país extremamente desigual e imperfeito, mas onde estamos também inseridos, e pretendemos fazer um caminho que ajude a que seja um país melhor, mas a coisa não está fácil...

**Como descreveria a evolução que Portugal viveu nestes 50 anos? Estamos aquém dos sonhos de Abril?**

O que são os sonhos de Abril? A utopia não é realizável por si, senão a pessoa vira saudosista. O 25 de Abril foi um momento de charneira muito importante e não renego, em nenhuma das circunstâncias, as imperfeições, mas os “dias perfeitos” foram nesse dia, como diz a Sophia de Mello Breyner, «o dia inicial inteiro e limpo». Tudo o resto são construções nas quais nós temos que participar.

**Ter colaborado com músicos brasileiros como os grandes Milton Nascimento e Chico Buarque fez com que sentisse que a sua pátria é a língua portuguesa?**

Essa é uma frase pessoana, que pode também ser uma frase de efeito. Mas, sim, eu prezo muito a nossa língua. Quando estava fora, fazer os meus dois primeiros discos, o *Sobreviventes* e o *Pré-Histórias*,

foi uma maneira de nunca deixar de me relacionar com a língua portuguesa e com as suas particularidades, incluindo as frases feitas e a linguagem de rua – e, por arrasto, com a música portuguesa. No Brasil, a língua portuguesa tem também os contributos das línguas locais e dos regionalismos. Mas, seja no Brasil, seja aqui, a língua é diferente, e é igual.

**Conte-me como foi compor *A Barca dos Amantes* com Milton Nascimento...**

Essa canção faz parte do disco *Coincidências*, com várias parcerias com autores brasileiros. Geralmente, componho primeiro a música e depois a letra vem “deitar-se” naquele leito musical. No caso d’*A Barca dos Amantes*, eu já tinha escrito um poema e propus ao Milton que compusesse a música. Ele disse logo que sim, e eu gosto muito dessa canção. Aliás, depois o Milton fez um disco ao vivo, com o nome da canção, em que ele a canta – e a voz do Milton é uma coisa superlativa!

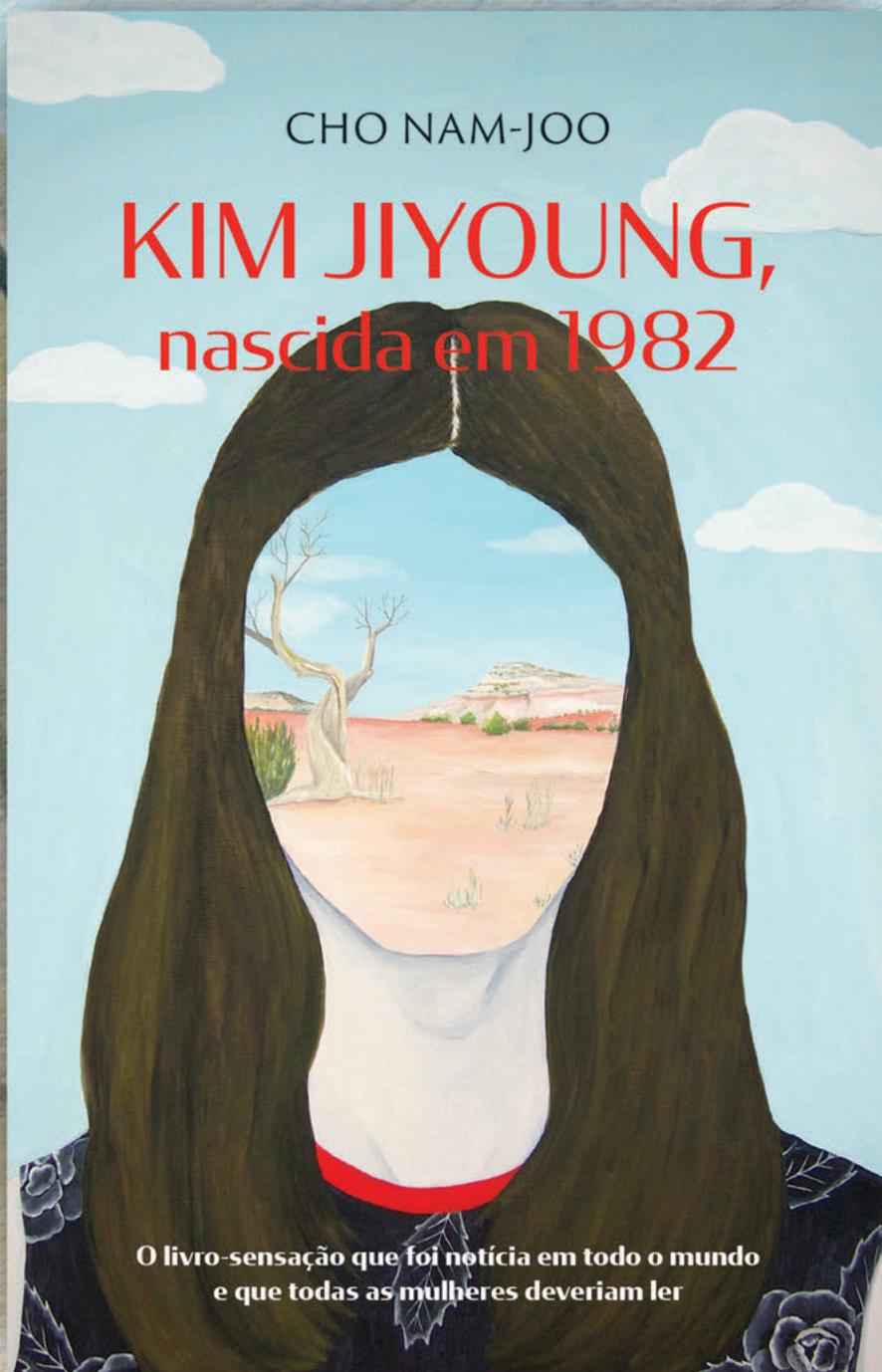
**Tem ainda muitos projetos para criar?**

Sim, vou criando, mas não tenho grandes projetos a longo prazo, não me apetece, sabe? Tenho prazer em viver, também. Muitas vezes, troco algo por estar com pessoas, com amigos. Para mim é tão importante viver como criar – não posso criar sem viver, nem viver sem criar, como já tenho dito. Para mim, criar e viver são duas coisas complementares e sem ordem de preferência.

**«Nunca me quis restringir a um só género. Todas as minhas canções correspondem uma realidade múltipla, tal como a ficção narrativa.»**

*Este bestseller coreano narra a luta diária das mulheres contra o sexismo endêmico. O seu poder provocador brota da mesma fonte da sua banalidade esmagadora.*

**The Guardian**



**Singular**

entrevista

# Lidia Jorge



Por Vera Dantas

Com uma obra que nos deslumbra e desarma, Lídia Jorge escreveu, a pedido da sua mãe, *Misericórdia*, um retrato universal da condição humana, através do qual sentiu o fulgor da existência. Numa exploração profunda da dinâmica geracional e dos fios invisíveis que nos unem, a escritora explora o delicado equilíbrio entre a alegria da existência e as nuances do envelhecimento. O brilhantismo deste romance conquistou, entre outras distinções, o Prémio Médicis *Étranger*, concedido pela primeira vez a uma autora de língua portuguesa. Lídia Jorge tem aquela capacidade rara reservada aos grandes escritores: uma compreensão profunda do ser humano, através do seu compromisso inabalável com o poder da palavra escrita. Acredita no potencial transformador da narração das histórias. A literatura, afirma, segue um caminho constante, como uma espécie de sombra branca, e vai dulcificando as coisas. Criar traços de beleza dá-lhe uma grande sensação de liberdade.

**Escreveu *Misericórdia* a pedido da sua mãe. Alguma vez tinha escrito um livro a pedido de alguém?**

Não, nunca imaginei que alguma vez isso iria acontecer e que eu iria obedecer a esse repto. Comecei a escrever como uma homenagem à minha mãe mas, depois, o livro libertou-se dessa homenagem e de certa forma foi mais alguma coisa. Acabei-o com a sensação de que tinha feito uma justiça, de que o livro, para além da alegria de eu estar a escrever [apesar de estar] a meio de um luto, fazia uma compensação a uma geração e a um tipo de pessoa que se torna invisível à medida que o tempo passa. O facto de dar essa visibilidade a algo que não era só uma figura, mas um grande coletivo, fez com que eu, no final, tivesse achado que valeu a pena responder a esse pedido.

**O que aprendeu no processo de escrita sobre a condição dos idosos? No fim, pesa mais a compaixão, a «misericórdia» em momentos como no capítulo homónimo no livro, ou o sentimento de impotência perante a finitude da vida?**

Não, foi muito mais. O que eu senti ao escrever foi o fulgor da existência, a possibilidade de repensar uma experiência de três anos que eu tinha tido no meio dos idosos, e que me deu ideia de que ali, de facto, a vida está em todo o seu fulgor. Ao contrário do que se pensa, eu acho que a vida não fica diminuída; em certa medida, ela fica aumentada por aquilo que se viveu e pela síntese que as pessoas começam a fazer no final da vida. Eu percebi que, ao envelhecer, há uma perda e, ao mesmo tempo, um ganho. Só que, como a perda é muito forte, o ganho, em geral, fica apagado em relação à perda.

***Misericórdia* é, como disse já, uma história de resistência, de uma mulher limitada pelo corpo mas livre pelo espírito. A liberdade foi sempre uma causa maior para si?**

Para mim, pessoalmente, sim, mas não é uma liberdade apenas abstrata, ainda que, como ideal, eu ache que seja algo supremo. Diz-se “a santa liberdade”, o que é uma coisa curiosa, pois contém uma espécie de contradição. Mas a verdade é que a liberdade, como um absoluto, na prática, não existe. Nós nunca seremos seres de liberdade absoluta, nunca – somos condicionados de muitas maneiras. Depois, há a liberdade cívica, que advém do direito à educação, à justiça cívica. Enfim, são os bens que o Estado nos dá mas, ontologicamente, nós nunca somos completamente livres.

# «Ao envelhecer, há uma perda e, ao mesmo tempo, um ganho. Ao escrever *Misericórdia*, o que eu senti foi o fulgor da existência.»

É alguma coisa para que se tende e se aspira, mas a prática é uma fricção contra a liberdade. Onde fica a liberdade de uma pessoa que caiu, que tem dificuldade em andar? É uma liberdade interior que ela tem ou não tem. O mesmo podemos dizer das liberdades cívicas. Eu vejo um discurso muitas vezes erróneo. As pessoas confundem aquilo que é o desejo da liberdade, que é uma abstração forte que nos faz mover montanhas, com a condição real, que tem sempre limitações. Mas podemos dizer que somos livres. Eu vivi a minha juventude em tempos de ditadura, portanto, hoje, em que as liberdades fundamentais cívicas estão garantidas, admiro-me como as pessoas não as valorizam, [pois são] uma condicionante fundamental para a liberdade interior.

**Neste livro, além de uma história de envelhecimento e de morte, de dor, existe também a comédia de pequenas situações – quando olhamos para a vida com clarividência, encontramos essa capacidade de nos rirmos (de nós mesmos, até)?**

Eu acho que sim, que podemos encontrar essa capacidade. É um exercício, sobretudo, de inteligência, que se faz. Uma pessoa inteligente é capaz de olhar para si como um outro, e dessa forma coloca-se dentro de um coletivo. Vai aprendendo a desvalorizar a sua limitação, a sua dor, e pensa sempre: «eu sou um entre outros». É meio caminho andado para que a pessoa não se olhe como um centro, não se leve demasiado a sério, não se veja como um absoluto. Quando vejo pessoas que são capazes de ironizar acerca de si próprias encontro, nelas, inteligência.

**O seu fascínio pela escrita continua igual ao que sentia quando tudo começou, há mais de três décadas?**

Sim, completamente, porque o fascínio pela escrita é algo que vem antes da publicação e que percorre a minha vida toda. Não tem pausa, nem repouso.

**Em boa parte da sua obra literária dedicou-se a escrever sobre o tempo em que uma sociedade livre emergiu após a queda de um império. Como vê hoje a sociedade portuguesa?**

A sociedade portuguesa é uma espécie de declinação, uma forma de modernidade do mundo atual. Temos as nossas especificidades e, dentro delas, a pior é que existe um país muito pobre, com pouco contacto com aqueles que se desenvolveram. Temos várias camadas sociais e, infelizmente, a taxa de pobreza no nosso país continua superior quando comparada com outros países desenvolvidos. Continuamos a ser um país de identidade europeia, um dos países com democracia instaurada no final do século XX. Porém, estamos sujeitos aos movimentos da História e da atualidade, o que também nos fragiliza em alguns aspectos. Por exemplo, demoramos muito a ter uma extrema-direita. Pergunto-me até onde irá a extrema-direita em Portugal, um país com uma taxa de analfabetismo elevada, não só o analfabetismo de não saber ler e escrever, como o de todos aqueles que não ultrapassaram a instrução primária. Essa é, para mim, a grande questão da atualidade em Portugal. Em Espanha, a extrema-direita ainda está contida, não fez estragos que considere absolutos. Na Europa, apesar da ameaça, também ainda não causou estragos. Mas em Portugal, um país com grandes fragilidades do ponto de vista da instrução, pergunto-me, quando rompido esse dique, de que tamanho será a avalanche que aí vem.

**Com a sua obra, contribui para o poder da literatura, que tanto tem defendido. Conseguirá a literatura vencer a batalha contra a desinformação?**

A literatura nunca vence uma batalha de forma clara porque atua num local meio obscuro da nossa existência. A literatura modifica-nos, mas a alteração não ocorre do dia para a noite. Com a aceleração do progresso tecnológico, dos hábitos contemporâneos, e com a avidez de mudança, olhamos para a literatura e podemos achar que caminha de forma lenta. Eu acho que a literatura segue um caminho constante, como uma espécie de sombra branca que acompanha a sociedade, mas que não conseguimos medir em termos de importância. A literatura vai dulcificando

as coisas, demonstra como a vida é complexa e nunca deve ser tomada como linear. Considero que o leitor está muito mais apetrechado para fazer as suas escolhas privadas e cívicas do que o não leitor. Naturalmente, é muito difícil fazer um estudo sociológico que correlacione os leitores e as suas decisões, mas fico convencida disso mesmo porque, em encontros com leitores, verifico uma sensibilidade para a decisão muito diferente da que vejo nos locais onde encontro não leitores. Os leitores são mais ponderados, agem sobre um tabuleiro onde há muito mais peças e, portanto, escolhem com mais critério. Os leitores têm compaixão porque a literatura cria a visão da alteridade, o olhar pelo espelho de outro. Um leitor que não se ficou pela literatura infantil adquire um enriquecimento enorme que lhe permite colocar-se no papel do outro, tomando decisões por um coletivo. Considero isso um benefício muito grande, um elemento diferenciador.

### **Tem sempre um projeto novo em mente?**

#### **Qual será o próximo?**

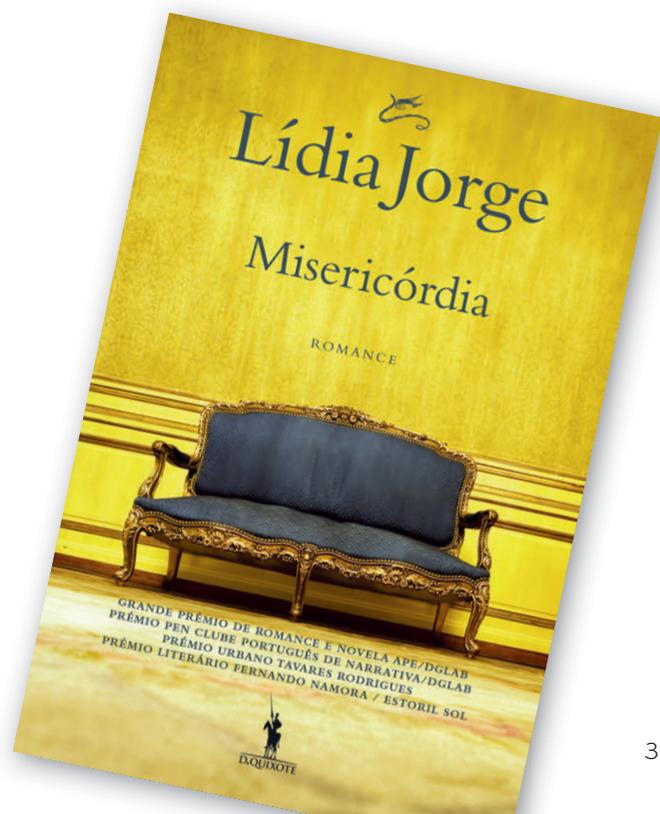
Como tenho vários, é difícil falar deles. Pretendo terminar um livro que estava a escrever quando surgiu a ideia para o *Misericórdia*. Tenciono voltar a trabalhar nele, ainda que tenha alguma dificuldade, porque se passou muita coisa entretanto: [sofremos] uma pandemia, rebentaram duas guerras perto de nós – sobretudo, a guerra na Ucrânia trouxe-me grandes problemas perante o que eram as minhas convicções. Foi um grande estremecimento e continua a sê-lo. Agora, eu olho para o projeto que tinha em mãos e é como se tudo estivesse desatualizado, como se, neste momento, eu me encontrasse muito mais adulta do que era quando comecei a escrever esse livro. A pandemia foi tocante, não só pessoalmente, mas de uma forma global. Pela primeira vez, todos enfrentamos, com uma espécie de unidade, um inimigo que não era humano e que não surgia da maldade, mau comportamento ou indiferença dos humanos; combatemos em conjunto, mesmo contra a desinformação. Esta situação foi também uma tomada de consciência de que pode existir uma catástrofe ecológica em que as vítimas são os seres humanos. Posteriormente, a guerra na Ucrânia quebrou a ilusão de que havia um equilíbrio. Era só uma ilusão, mas nós vivíamos nessa ilusão. Foi duro.

A própria guerra em Gaza é um derivado do desequilíbrio da guerra entre os imperialismos. E, como vemos, todos os imperialismos são

absolutamente sanguinários, quer de um lado, quer do outro. Uns mais agressivos, outros mais cínicos talvez, mas ambos idênticos no objetivo principal, e essa é uma lição muito forte dos nossos dias. Portanto, não sei como retomar esse projeto.

### **Sente-se feliz quando escreve?**

Sinto-me com entusiasmo, que é algo diferente. Entusiasmo, em grego, significa "estar com os deuses", o que não deixa de ser curioso. Para mim, isso é felicidade. Essa sensação de poder, ainda que mínimo, de manejar palavras, ideias, uma narrativa. Uma criação mínima, mas uma criação. E isso ser feito com a ideia de que se pode criar traços de beleza, criar algo que supera o trivial. Isso dá-me uma sensação de liberdade, de grande libertação, a ideia de que a vida não nos amarra. Escrever é muito semelhante a ler: é o processo anterior, mas tem muito a ver com a leitura. Ainda há pouco ouvi ler um poema sobre a morte, sobre os desaparecidos. E, no entanto, foi uma sensação de alegria e de beleza tão grande que, quando a pessoa acaba de ouvir a leitura de um poema assim, é como se os pés se levantassem do chão. O que as pessoas dizem ser uma experiência filosoficamente estética é, no fundo, uma experiência de libertação da vida. A literatura faz isso. A poesia, em pequenas parcelas, faz isso. Há páginas absolutamente maravilhosas. A Herta Müller, no livro *Tudo o Que Eu Tenho Trago Comigo*, tem pequenos capítulos que, lidos em voz alta, são uma libertação, um dom da vida.



# Wook se escreve na Coreia do Sul

Por Vera Dantas

A Onda Coreana ou *Hallyu* está a chegar a todas as partes do mundo, e Portugal não é exceção. A Coreia do Sul vive um *boom* cultural com a criação de contagiantes K-Dramas, *manhwa*, K-Pop e jogos *online*. Fenómenos como a série *The Squid Game*, o filme *Parasite* ou o turbilhão musical dos BTS são apenas alguns exemplos desta vaga, que desperta cada vez mais interesse. A exportação da cultura *pop* sul-coreana que se iniciou nos anos 1990, com um forte investimento e incentivo do governo, é testemunho do poder do intercâmbio cultural e da capacidade da cultura para transcender fronteiras! A globalização da cultura coreana também encontra expressão no domínio dos livros,

mas o que nos compele para a sua leitura? Os romances coreanos exploram temas muitas vezes intocáveis e assumem um estilo narrativo que dissolve as questões sociais globais na história pessoal – e tão original quanto peculiar – das suas personagens. A entrada acelerada na modernidade foi dura para aqueles que não conseguiram acompanhar o ritmo do *pali pali* (em que tudo é organizado e feito “rapidamente”), resultando numa sociedade com muitas contradições, e ainda a lidar com crises de identidade. Os editores portugueses estão atentos e, por cá, já pode encontrar uma boa seleção dos mais badalados autores e *bestsellers* sul-coreanos, em vários géneros. Mergulhe connosco nesta onda!

## Literatura como um furacão

Começamos com uma proposta muito singular. **Amêndoas**, da autoria da escritora e realizadora sul-coreana **Wong-Pyung Sohn**, causou um impacto estrondoso lá fora e será lançado cá, pela Presença, no início de maio. O enredo gira em torno do protagonista, partindo de uma premissa desconcertante: Yunjae, um rapaz de 16 anos, tem uma condição cerebral que o impede de sentir emoções como medo ou raiva. Quando conhece Gon, um rapaz que é a sua quase antítese, cria um laço tão grande com ele,

para o bem e para o mal, que algo começa a mudar dentro de si. O livro abre logo com uma frase que testa a nossa capacidade de resistência: «Seis morreram e um ficou ferido nesse dia. Primeiro foram a mãe e a avó. Depois, um estudante universitário que tinha entrado a correr para deter o homem.» É duro, e vai direto ao coração, numa exploração das dores de crescimento e da aceitação de que nem tudo é como se espera. A psicologia das personagens é de um realismo inato, e não se consegue parar de ler, apesar do abalo emotivo que nos causa.

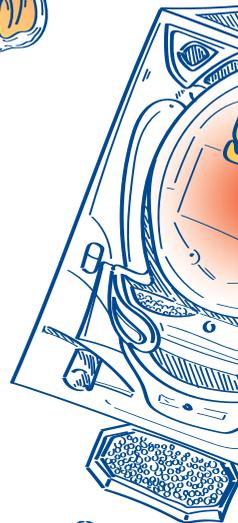
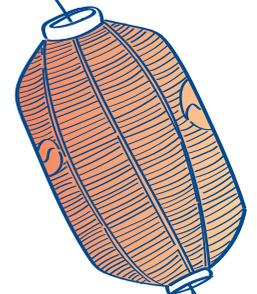
A nossa segunda sugestão vai para um livro que abanou a Coreia do Sul e originou um verdadeiro movimento em prol da igualdade entre sexos no país, tornando-se depois num *bestseller* internacional. **Kim Jiyoung**, **Nascida em 1982**, de **Cho Nam-Joo**, parte da experiência pessoal da autora para descrever a vida de uma mulher – da infância até ao casamento e maternidade – desesperada por se libertar dos grilhões impostos ao seu género. Quando conhecemos Jiyoung, ela tem 33 anos e uma filha de um ano. Vemos que, apesar de ter sempre cumprido as regras do jogo, nunca sai vencedora. Até que, um dia, entra em colapso depressivo e começa a assumir as vozes e as personalidades da sua mãe, da sua amiga e de muitas outras mulheres, tanto vivas como mortas. A origem da metamorfose de Jiyoung vem desde antes de ela nascer, numa altura em que o aborto seletivo de meninas era prática comum, e estende-se pela sua vida, da escola, ao trabalho e ao que é esperado de si enquanto mãe ou esposa – mesmo com um marido atencioso, a pressão social sobrepõe-se. Um livro poderoso que pode ser visto como a novelização das experiências vividas por todas as mulheres coreanas comuns durante os últimos 40 anos, dando voz a quem não a teve, e entretanto já adaptado ao grande ecrã.

A escritora que se segue, **Han Kang**, foi quem conseguiu que o mundo descobrisse e se encantasse com a literatura coreana.

**A Vegetariana**, o livro que a projetou para a fama após ter vencido o Man Booker International Prize, explora a fricção entre paixão e distanciamento, entre os desejos que são alimentados e os que são negados. As coisas começam a falhar no dia em que Yeong-hye, uma jovem e comum dona de casa, decide deitar fora toda a carne do congelador e anuncia que vai ser vegetariana, depois de ter tido um pesadelo. Decidida a perder a massa corporal necessária à existência humana, Yeong-hye desafia as expectativas dos que a rodeiam, recusando-se a continuar a viver apenas para cozinhar para o marido e deitar-se

com ele. Ela quer deixar de ser humana, e tenta transformar-se na própria vegetação. Dividida em três partes, a história oscila entre uma atmosfera surrealmente serena e o *thriller* doméstico, e é contada a partir dos pontos de vista do péssimo marido de Yeong-hye, do seu obsessivo cunhado e da sua sobrecarregada irmã mais velha. Erótico, violento, poético, este livro deu origem a uma sublime adaptação cinematográfica.

Da saga épica de uma família coreana nasceu, por sua vez, uma série televisiva de K-Drama que espelha o impacto de um livro traduzido para 40 idiomas. **Pachinko**, da consagrada **Min Jin Lee**, atravessa a vida de quatro gerações de uma família coreana no Japão, a partir de 1910, ano em que os japoneses ocupam a Coreia. A história começa quando Sunja, a filha amada de uma família pobre mas respeitada, se vê na situação delicada de ter engravidado de um homem que não sabia ser casado. A jovem acaba por desposar Noa, um pároco bondoso que se muda com ela para o Japão. Ao longo do romance, acompanhamos as alegrias da família que formaram, que se apoia para sobreviver, e os desafios e perdas que experimentam como imigrantes coreanos num novo país implacável. Do bulício dos mercados de rua às salas das melhores universidades do Japão, passando pelo submundo do crime nos salões de jogo de *pachinko*, as personagens de Lee – mulheres fortes e resilientes, irmãs e filhos dedicados ou pais abalados por crises morais – conseguem sobreviver e prosperar apesar da discriminação e da privação de direitos. Como disse Barak Obama, esta é uma «história poderosa sobre resiliência e compaixão».



## Romances para sonhar, comer e chorar por mais

Para os momentos em que a realidade da vida nos limita os sonhos, há um livro que é um bálsamo. O romance de estreia de **Miye Lee**, **O Grande Armazém dos Sonhos** é uma incursão reconfortante e doce na terra do sono. Numa cidade misteriosa, escondida no subconsciente de cada um, existe um grande armazém onde criativos talentosos produzem sonhos para serem comprados por quem dorme, sejam pessoas ou animais. Cada andar é especializado num certo tipo de sonho – os que apelam aos pequenos prazeres da vida, os que trazem recordações especiais, criam viagens ou comida deliciosa, ou nos permitem reencontrar quem já partiu. Um livro que celebra, sabiamente, o poder misterioso dos sonhos, mesmo dos mais irritantes, que podem ser o empurrão de que precisamos para resolver certos problemas. Quando perdeu a sua mãe, aos 25 anos, **Michelle Zauner** sentiu a sua vida desabar. Em **Lágrimas no Mercado**, Zauner fala de como foi ser das poucas crianças americano-asiáticas na sua escola em Oregon, nos EUA, da luta contra as expectativas particulares e elevadas da sua mãe e de uma adolescência dolorosa. Descreve *jjigae*, *tteokbokki* e outras iguarias coreanas que cozinha para recuperar os dons do gosto, da língua e da história que a sua mãe lhe tinha dado – a sua identidade, com «uma reverência por boa comida e uma predisposição para fome emocional». Neste livro, como nas nossas vidas, as memórias também nos alimentam. À semelhança de Zauner, **Baek Sehee** também se estreou na escrita com um livro de autoficção, **Quero Morrer, mas Também Quero Comer Tteokbokki**. Ao longo de 10 anos, sentia um vazio nos seus pensamentos que lhe provocava um buraco no estômago, impelindo-a a sair para comer a sua iguaria favorita, *tteokbokki*. Percorrendo, em estilo dialógico, as suas memórias das consultas de psiquiatria a que ia, a autora pretendeu ajudar quem está a passar por situações semelhantes. O livro tornou-se um fenómeno de vendas e, apesar de tratar de assuntos

sérios, pode ser lido com positividade, graças ao estilo luminoso, auto-crítico, desdramatizador e franco de Sehee.

## Novelas gráficas, manhwa, fantasia e... K-Pop!

No campo da **novela gráfica**, é imperativo conhecer **Keum Suk Gendry-Kim**, uma artista sul-coreana de grande talento que cria narrativas profundas e envolventes sobre as complexas questões sociais ligadas à História das Coreias. Nos últimos meses, foram editados por cá três livros da autora que demonstram o poder das suas histórias ilustradas para iluminar a experiência humana.

**A Espera** mergulha na Guerra da Coreia e nas suas dolorosas consequências. Com uma narrativa vívida e um trabalho artístico impressionante, Gendry-Kim explora as experiências das pessoas que foram separadas das suas famílias durante a guerra e forçadas a esperar décadas para se poderem reencontrar. Partindo de entrevistas e de vários testemunhos que obteve, entre os quais os da própria mãe, a autora conta a história de Qwijá, uma mulher de 92 anos que sonha reencontrar o filho, de quem se viu separada sete décadas antes, numa coluna de refugiados em fuga. Desde as paisagens assombrosas da Coreia devastada pela guerra até aos momentos íntimos de ligação entre membros da família, cada página reflete tanto a mágoa como o profundo desejo de paz.

**A Árvore Despida** pinta um retrato cruel do tecido de uma única nação, lentamente despedaçado pela Guerra da Coreia de 1950. Partindo de uma história de amor entre a jovem Kyung e Ok Heedo, um pintor fugido do norte do país, conta as alegrias e tristezas de uma família cujos membros deixam a sua marca indelével no tronco de uma árvore. Baseado no romance clássico de Wan-Suh Park, esta novela gráfica dá nova vida às personagens do romance e até incorpora a autora original na história.

**Alexandra Kim – Filha da Sibéria** traça a vida breve mas impactante desta corajosa ativista revolucionária coreana na Rússia, onde lutou pela emancipação dos trabalhadores face à repressão do regime czarista nas vésperas da I Guerra Mundial. Ao aliar-se aos bolcheviques liderados por Lenine, participa na Revolução Russa de 1917 e a sua vida muda para sempre.

Os fãs de **manhwa** já conhecem **Solo Leveling**, escrito por **Chugong** e ilustrado por **DUBU**. A série passa-se num mundo onde criaturas medonhas, vindas de portais que se ligam a uma realidade alternativa, ameaçam a Humanidade. Há "caçadores" que recebem missões onde arriscam a vida e fintam a morte. Seong Jinu é conhecido entre os pares como «o mais fraco de todos os caçadores» e acaba sempre ferido. Até que a sua sorte muda. Ao participar numa incursão que devia ser fácil, mas que se tornará num verdadeiro pesadelo, desbloqueia um misterioso programa que lhe permite tornar-se cada vez mais forte. Focado completamente na ação e no seu protagonista, com um piscar de olho ao universo dos videojogos, *Solo Leveling* tornou-se um dos **manhwa** mais populares um pouco por todo o mundo. O seu sucesso continua na versão anime, que estreou no início deste ano.

Continuamos no mundo da fantasia, mas agora com um romance para jovens adultos. Escrito por **Axie Oh**, **A Rapariga que Caiu no Mar** é um conto encantador que mergulha nas profundezas da mitologia e do destino. Nascida numa terra assolada pelo Deus do Mar com tempestades devastadoras, Mina decide oferecer-se em sacrifício à poderosa divindade, mergulhando no mar no lugar da amada do seu irmão. Conduzida por um dragão, entra assim no místico Reino dos Espíritos, um mundo complexo de deuses, espíritos e maquinações políticas ocultas.

Ao descobrir que o Deus do Mar está preso num sono encantado, a heroína decide partir numa missão para o acordar e, assim, salvar todos os que vivem no mar e à superfície.

Ao longo da sua viagem, encontra vários seres míticos, incluindo Shin, uma figura-chave do reino, com quem estabelece uma ligação profunda, mas terá de enfrentar muitos perigos...

E terminamos em grande com o melhor do universo K-Pop. **Beyond the Story – 10 Year Record of BTS**, de **Myeongseok Kang** e **BTS**, foi lançado para celebrar o 10.º aniversário dos BTS, a icónica e famosa banda de K-Pop. Através de fotos inéditas, entrevistas, histórias pessoais e de bastidores, e de apontamentos do crítico de música Myeongseok Kang ao longo de três anos, imergimos na história destes ídolos da K-Pop. Em sete capítulos, que começam antes da estreia dos BTS e vão até ao presente, os membros da banda olham de forma sincera, animada e profunda para o seu percurso musical. Para uma experiência multisensorial, o livro inclui ainda códigos QR que permitem aceder imediatamente a *trailers* e videoclipes.

**O fenómeno sul-coreano que começou com a música e se expandiu até à literatura continua a sua expansão global. É inegável: está na hora de surfar a Hallyu!**



J'ai été

Eu fui Madame Bovary. E não fui só eu. Nisto não tenho como ser especial. Verdade seja dita, em quase nada. Mas amar Madame Bovary é uma atividade coletiva que devia ser considerada desporto olímpico.

É estabelecermos isto e eu tatuo já os seis aros no braço.

Quem a lê compadece-se com ela. Poucas páginas depois do início, até o coração mais gélido se põe na fórmula de sempre: pobre Ema Bovary. Aquela vida lassa, principalmente para quem se põe perante a aventura sem nome e sem fronteiras da leitura de um romance, sabia a coisa tão pouca, a coisa tão comezinha, a coisa tão sem sal. Claro que a mulher teve de pôr tempero na vida. O marido, que até podia mandar estilo por ser médico, era um atado, uma banalidade perdida no dia a dia. E ela sabia que o casamento ia condená-la a uma casa, a viver sem alegria, a viver sem saltar de paraquedas. Ainda por cima, o que lia nos livros era sempre outra coisa. Nós, pobres leitores, sempre temos de nos compadecer com isto: quem nunca quis vestir o manto de Gryffindor em vez da *t-shirt* de ginástica? A vida era seca, a cabeça era fértil. E homens, claro, era o que mais havia. E todos eles pareciam melhores do que o secante Charles Bovary. Dali a procurar vida nos amantes foi um tiro. Lá se apaixonou por Léon Dupuis, mas a coisa não passou da paixão.

# Madame Bovary

Por Ana Bárbara Pedrosa

Chegou Rodolphe Boulanger, e andavam os dois pelas ruas sem disfarçar o que se passava entre os lençóis. Na literatura como na vida, o marido era o último a saber – no caso, era mesmo o único que nem sequer sabia. E, em plena fase de enlevo, o amante largou-a, e foi aqui que se fez crápula, mas crápula dócil: na carta de término, foi derramando – que coisa linda – gotas de água para fingir que ali deixara os olhos. Primeiro deprimida, depois aborrecida, Ema Bovary meteu-se então com Léon – e desta vez cansou-se dele. O adultério pode ser tão sem-graça quanto um casamento burguês sem carrocéis.

Com isto, não há fórmula mágica: nem o aborrecimento daquele casamento, nem a sua cura. Mas há a ironia máxima, bela, voadora, de alguém que se deixa iludir pelos livros, neste que será a coqueluche dos romances em que se espriam as traições. Depois disto, quem procura livros com a facada nas costas deve ir prevenido: é mesmo a descer. E, claro, para o leitor não há moralismo que se agunte: a literatura faz-nos outros. Se lemos *Madame Bovary*, somos *Madame Bovary* também.

Mas não somos Peter Pettigrew. Não quero saber de quantas vezes o leio, o lemos, não sou nem somos esse horror. Quem o viu no filme – *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* – bem viu a cara de rato que deram a Timothy Spall, coitado, que só estava a trabalhar. Quem não viu o filme também não precisa da prova, que a prova é o papel: J. K. Rowling descreveu-lhe o focinho afiado – o nariz, digo –, as mãozinhas rechonchudas em busca de qualquer coisa, os olhos pequenos aflitos à procura de um caminho. É que Pettigrew era um Animagus – feiticeiro que sabia transformar-se em animais, e qual é o homem decente que escolhe ser um rato? Ser e, pior ainda, viver como um em toda a linha: durante 13 anos, Peter viveu no corpo de um rato, e ainda teve o desplante de se fazer adotar pela família Weasley, e depois dormir no bolso do melhor amigo do fofíssimo Harry Potter. Da minha parte, a solução é clara e é dada *a priori*: nunca é boa ideia ter um rato. E ainda por cima este:

nem era preciso fazer-se bicho peludo para ser rato na forma de agir. Por cobardia infame, Peter Pettigrew traiu Lily Evans e James Potter, levando-os à morte, agindo em favor de Voldemort. Ao trair uns amigos, culpou outro, e o pobre Sirius Black é que se meteu numa prisão em alto-mar cercada por Dementores – criaturas negras que sugam a alma e a alegria de viver. Dois amigos mortos, um amigo preso, mais um descrente na vida em geral, e um rapaz órfão prestes a viver uma infância infeliz, tortuosa: eis o resultado da traição de Peter Pettigrew. Por isso, por muito que possamos dizer, como disse Flaubert, que «*Madame Bovary, c'est moi*», jamais diremos «*I am Peter Pettigrew*». E quem trai por hábito terá já o hábito de saber quem é Petyr Baelish. Outros, menos sortudos – por serem mais próximos –, conhecê-lo-ão por Mindinho. N'A *Guerra dos Tronos*, é um dos vilões. Em livros onde tantas espadas cortam cabeças, ele não é melhor do que os braços que a erguem – mesmo sem fazê-lo, há cabeças a rolar por causa dele. Ninguém confia no homem, e com razões para isso. E por vezes quem começa por desconfiar deixa-se levar, cogita que ele será, afinal, coisa diferente dos rumores. Ora, se a palavra corre os Sete Reinos, é difícil que bata sempre ao lado. Onde pode, e sempre para ganho próprio, mesmo que este não seja de imediato mensurável, Petyr Baelish mete a faca. Não há costas que estejam seguras perto dele. E haja cuidado, porque longe também não. É o rei dos sussurros, do diz-que-disse, do pesa-as-frases, das sombras que se agigantam até lixarem alguém. O sonho dele, bem se vê, é chegar ao tudo, tendo nascido no nada. Por muita gente louca que se tenha sentado no Trono de Ferro, destinado ao rei daquilo tudo, Baelish seria dos mais perigosos. Ali, não há preocupações de justiça, coesão territorial, alimentação do povo, guerra e paz, direito de nascença, qualquer coisa: ali só há dois olhos virados para o umbigo. Resumindo: a literatura é como a vida. Está cheia de gente que ninguém decente quer convidar para jantar.

## Um poema inédito de **João Luís Barreto Guimarães**

Celebramos o Dia Mundial da Poesia com um autor que tantos versos tem dado ao mundo. Médico, tradutor e, sempre, poeta, João Luís Barreto Guimarães está publicado em muitos países, que lhe reconheceram a obra com merecidos prémios. A pensar em vós, leitores da wookacontece, pedimos-lhe um poema inédito. Ei-lo pintado como que afresco.

### A vida autêntica

Não percas  
tempo com poesia. Fala antes da vida autêntica.  
O vício de comparar a  
linha do horizonte  
com o traço  
a moreno no braço  
de um pescador. Quem é que quer saber disso?  
A quem é que importa se tapas o  
ouvido da chávena (com os dedos) para  
que não oiça os pensamentos  
com que acordas de manhã? Não gastes  
tempo com  
poesia. Fala antes com o silêncio. O mundo  
todo do avesso e  
tu cotejando  
elementos? Do avesso como um barco  
(na margem  
de ventre para o ar) o casco  
molhado de nuvens como se o céu  
fosse o mar?

Wook®

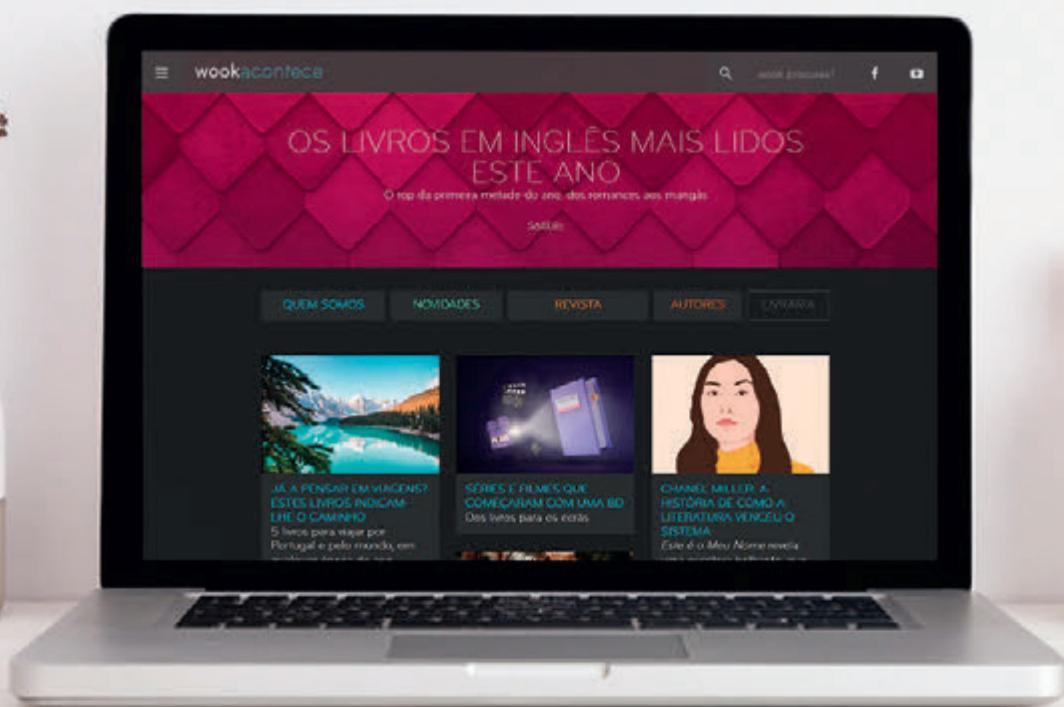
A MINHA BIBLIOTECA  
À DISTÂNCIA DE UM CLIQUE.



EBOOKS E AUDIOLIVROS

A QUALQUER MOMENTO. EM QUALQUER LUGAR.

# O blogue literário da **WOOK**



[wookacontece.pt](http://wookacontece.pt)